

Licções

5 DO EVANGELHO DA GRAÇA



COMENTANDO O
APOCALIPSE

O EVANGELHO DA GRAÇA

A proclamação da obra consumada de Cristo



youtube.com/uismael

Comentarista

Uismael Freire

ferramentabiblica.com.br

Rio de Janeiro, 2025

O EVANGELHO DA GRAÇA - A proclamação da obra consumada de Cristo

Copyright © 2025 Freire Uismael

Cooperação editorial:

Capa: Uismael Freire

Diagramação: Uismael Freire

Revisão e correção: Thyago C. Amâncio

ORIENTAÇÕES AOS ALUNOS

Esta revista foi desenvolvida para oferecer uma compreensão clara e libertadora do evangelho segundo o entendimento do preterismo completo e da graça consumada em Cristo. As lições seguem uma metodologia expositiva e pastoral, com base nas Escrituras e no ministério paulino. Os temas visam promover o crescimento espiritual dos alunos, incentivando o estudo das epístolas de Paulo como base doutrinária para a Igreja de Cristo.

A metodologia envolve a leitura semanal da lição, discussão em grupo e aplicação prática da verdade da graça. O aluno será desafiado a abandonar tradições humanas e abraçar a liberdade espiritual encontrada na fé em Cristo.

ferramentabiblica.com.br

Sumário

Lição 1 - Dois Evangelho Diferentes	4
Lição 2 - Dois Apostolados Diferentes	8
Lição 3 - Dois Cristos Diferentes	13
Lição 4 - Dois espíritos Diferentes	20
Lição 5 - Jesus de Nazaré Ministro da Circuncisão	27
Lição 6 - Mortos para o pecado	32
Lição 7 - O verdadeiro Jejum	40
Lição 8 - Há um só batismo	45
Lição 9 - A ceia do Senhor na Graça de Deus	56
Lição 10 - A Imposição de Mãos	65
Lição 11 - O Dízimo à Luz da Graça	74
Lição 12 - A unção com Óleo	79
Lição 13 - O fundamento do Evangelho	91

ferramentabiblica.com.br



DOIS EVANGELHOS DIFERENTES

TEXTO ÁUREO

"Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema" (Gálatas 1:8).

VERDADE PRÁTICA

O evangelho da graça revelado a Paulo é a mensagem para os gentios hoje, separado da Lei mosaica e fundado na fé em Cristo.

LEITURA DIÁRIA

Segunda – Gálatas 1:8

Terça – Mateus 10:5-6

Quarta – Atos 26:16-18

Quinta – Efésios 2:8-9

Sexta – Romanos 10:4

Sábado – Gálatas 5:1-4

Domingo – 2 Coríntios 3:13-1

Objetivos da Lição

1. Identificar as diferenças entre o evangelho da circuncisão e o evangelho da incircuncisão.
2. Reconhecer o papel do apóstolo Paulo como ministro dos gentios.
3. Compreender que a salvação é pela graça, mediante a fé, sem as obras da Lei.
4. Rejeitar práticas religiosas que aprisionam na antiga aliança.

A distinção entre o evangelho da circuncisão e o evangelho da incircuncisão revela duas alianças e dois públicos distintos. No evangelho da graça, reconhecemos que a Lei teve seu cumprimento em Cristo e que a nova aliança, revelada por meio do apóstolo Paulo, é o evangelho para a Igreja hoje. Nesta lição, vamos explorar essas diferenças fundamentais e o impacto libertador do evangelho da graça.

I - Evangelho da Circuncisão – A Mensagem aos Judeus

a) - O evangelho da circuncisão, também chamado de evangelho do reino, foi pregado pelo próprio Jesus em seu ministério terreno e, posteriormente, continuado pelos doze apóstolos. Este evangelho tinha como propósito anunciar o cumprimento das promessas messiânicas feitas a Israel. A mensagem era restrita aos judeus, conforme o próprio Jesus ordenou: “Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:5-6).

b) - A salvação, neste contexto, estava diretamente vinculada ao arrependimento, à fé e à obediência à Lei. Práticas como a circuncisão, a observância do sábado e a realização de sacrifícios ainda eram requeridas. A ênfase recaía sobre as obras como expressão da fé, conforme Tiago escreveu: “A fé sem obras é morta em si mesma” (Tiago 2:17).

c) - Este evangelho era transitório e estava condicionado à permanência da antiga aliança. A vinda do Messias foi o ponto culminante, mas os judeus como nação rejeitaram a mensagem, o que abriu caminho para a revelação de um novo evangelho – não mais segundo a carne ou a Lei, mas segundo o espírito e a graça, como seria revelado a Paulo.

II - Evangelho da Incircuncisão – A Mensagem aos Gentios

a) - O evangelho da incircuncisão, também conhecido como evangelho da graça, foi revelado diretamente por Jesus glorificado ao apóstolo Paulo. Em Atos 26:16-18, Jesus declara que Paulo foi escolhido para ser ministro e testemunha, enviado especificamente aos gentios. Este evangelho não é uma continuação do evangelho do reino, mas uma nova dispensação fundamentada na fé e não nas obras.

b) - Diferente do evangelho da circuncisão, o evangelho da graça estabelece a salvação como um dom gratuito de Deus, independente de qualquer mérito humano. Paulo afirma: “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9).

c) - A ênfase está na obra consumada de Cristo na cruz, que trouxe fim à vigência da Lei mosaica. O novo pacto é estabelecido no sangue de Jesus, e não em mandamentos carnais ou tradições judaicas. Romanos 10:4 confirma: “Porque o fim da Lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê”.

d) - As catorze epístolas de Paulo (de Romanos a Hebreus) são o fundamento doutrinário da Igreja dos gentios. Nelas, o crente encontra não apenas instrução espiritual, mas liberdade para viver pela fé, sem medo e sem culpa, pois tudo foi consumado na cruz.

III - Distorções, Legalismo e a Liberdade em Cristo

a) - A principal ameaça à pureza do evangelho da graça é a tentativa de misturá-lo com os preceitos da Lei. Paulo foi enfático ao declarar que “um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gálatas 5:9), alertando que mesmo pequenas concessões ao legalismo podem corromper a liberdade cristã. Aqueles que procuram ser justificados pelas obras da Lei “se desligaram de Cristo” (Gálatas 5:4).

b) - A leitura da antiga aliança, sem a lente do novo pacto, mantém um véu sobre o entendimento do crente. Esse véu só é removido quando se volta verdadeiramente ao Senhor (2 Coríntios 3:16), reconhecendo que a justiça não vem por práticas exteriores, mas pela fé em Cristo.

c) - Paulo também combateu veementemente as práticas judaizantes em suas cartas, como dietas religiosas, festas, luas novas e sabbatismos, ensinando que todas essas coisas eram “sombras de coisas futuras” (Colossenses 2:17), que encontraram cumprimento em Cristo. A verdadeira vida cristã é vivida em liberdade, guiada pelo Espírito, e não em rituais que apenas satisfazem a carne.

Esta lição nos mostrou a existência de dois evangelhos: um para os judeus, sob a Lei, e outro para os gentios, sob a graça. Ao compreender essa distinção, o crente é chamado a abandonar o legalismo e viver na plenitude do evangelho de Paulo. A verdade revelada em Cristo nos liberta do jugo da religião e nos posiciona como filhos livres na fé.

Comentário Teológico Adicional:

Segundo estudiosos como Richard Jordan, Cornelius Stam e Oscar M. Baker, o ministério de Paulo marca o início de uma nova dispensação, a da graça, distinta da economia anterior regida pela Lei. A não distinção entre esses evangelhos é a raiz de muitas heresias e divisões nas igrejas contemporâneas.

Orientação Didática:

Reforce a diferença entre os pactos em discussões de grupo. Estimule os alunos a lerem semanalmente as epístolas paulinas. Utilize quadros comparativos entre Lei e Graça como recurso visual em sala.

Questionário – Lição 1: Dois Evangelhos Diferentes

1. Qual era o público-alvo do evangelho da circuncisão, e quem eram seus principais pregadores

R: _____

2. Segundo a lição, o que caracteriza o evangelho da incircuncisão?

R: _____

3. Qual é o risco espiritual apontado na lição ao se tentar misturar os dois evangelhos?

R: _____

4. Quais são os livros bíblicos citados como base doutrinária do evangelho da graça?

R: _____

5. De acordo com o texto, o que representa a obra de Cristo na cruz para o evangelho da graça?

R: _____



DOIS APOSTOLADOS DIFERENTES

TEXTO ÁUREO

"Antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (...), reconheceram a graça que me fora dada" (Gálatas 2:7,9a)

VERDADE PRÁTICA

O entendimento claro dos dois apostolados revela a transição entre o ministério de Israel segundo a carne e o ministério do Cristo glorificado para os gentios.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Gálatas 2:7

Terça: Atos 10:45

Quarta: Atos 26:16-18

Quinta: Romanos 11:13

Sexta: Efésios 3:8-9

Sábado: 2 Coríntios 5:18-2

Domingo: Romanos 6:14

Objetivos da Lição

- Diferenciar os dois apostolados conforme Gálatas 2.
- Compreender o papel de Paulo como apóstolo dos gentios.
- Destacar a continuidade soberana de Deus mesmo em ministérios distintos.
- Reforçar a autoridade do evangelho da graça revelado a Paulo.

A compreensão da existência de dois apostolados distintos é essencial para o entendimento do evangelho da graça de Deus. Pedro recebeu o ministério da circuncisão, voltado aos judeus, enquanto Paulo foi comissionado pelo Cristo glorificado para anunciar a reconciliação aos gentios. Esta distinção não é um sinal de contradição, mas sim da multiforme sabedoria de Deus operando de modo progressivo e soberano.

I - O Apostolado de Pedro: Ministério da Circuncisão

a) - **Pedro e os judeus:** Pedro foi designado como apóstolo para os judeus, conforme se observa na limitação imposta por Jesus em Mateus 10:5-6, onde os discípulos foram instruídos a não irem aos gentios, mas às ovelhas perdidas da casa de Israel. Sua atuação se deu, majoritariamente, no contexto da aliança mosaica, mantendo práticas judaicas como o templo, o sábado e a circuncisão. Pedro representa a continuidade do pacto com Israel antes da cruz.

b) - **O contexto do ministério antes da cruz:** O evangelho do Reino, proclamado por Pedro e os demais apóstolos antes da morte e ressurreição de Cristo, tinha por escopo preparar Israel para o Messias prometido (Mateus 16:19; Atos 1:6). Trata-se de um evangelho condicionado à resposta da nação e fundamentado na esperança messiânica do Antigo Testamento. Pedro, mesmo após Pentecostes, ainda mostra resquícios dessa expectativa, como se vê em Atos 3:19-21.

c) - **Limitações da revelação:** Apesar de cheio do Espírito, Pedro ainda não possuía a compreensão plena do mistério que seria mais tarde revelado a Paulo. Em 1 Pedro 1:10-12, o próprio apóstolo admite que os profetas investigaram diligentemente essas promessas futuras, mas não lhes foi dado compreendê-las integralmente. O episódio em que Pedro vacila diante dos judeus da parte de Tiago (Gálatas 2:11-13) ilustra suas limitações diante da revelação mais excelente confiada a Paulo.



II - O Apostolado de Paulo: O Evangelho da Incircuncisão

a) - **Revelação direta do Cristo glorificado:** Ao contrário de Pedro, cuja formação ocorreu ao lado de Jesus de Nazaré antes da cruz, Paulo recebe diretamente do Cristo ressuscitado uma nova comissão. Em Gálatas 1:11-12, ele afirma com clareza que o evangelho que pregava não era segundo os homens, mas uma revelação de Jesus Cristo. Esta revelação não era uma continuidade do ministério de Pedro, mas um novo início com base na consumação da obra redentora.

b) - **O evangelho da graça sem Lei:** O cerne da mensagem paulina está na justificação pela fé, independente das obras da Lei. Em Romanos 3:28 e Gálatas 2:16, Paulo estabelece que a salvação é um dom gratuito, acessado pela fé e não pelos rituais judaicos. O termo "incircuncisão" não designa apenas os gentios, mas simboliza um evangelho desvinculado das práticas da antiga aliança. Trata-se de uma nova criação, conforme 2 Coríntios 5:17, onde tudo se fez novo.

c) - **Ministério da reconciliação universal:** Paulo recebeu o "ministério da reconciliação" (2 Coríntios 5:18-20), que declara a humanidade como já reconciliada com Deus por meio da obra de Cristo. Essa mensagem não exige nenhum rito adicional, pois a obra foi completada na cruz (João 19:30; Hebreus 10:14). O conteúdo paulino é, portanto, escatológico e consumado: trata-se de anunciar uma realidade já realizada, não condicionar bênçãos futuras.

III - Conflito, Transição e Reconhecimento

a) - **A confrontação com Pedro:** O episódio registrado em Gálatas 2:11-14 marca uma tensão significativa entre os dois apóstolos. Em Antioquia, Paulo repreende Pedro publicamente por sua dissimulação ao mudar de comportamento diante dos judeus legalistas, demonstrando incoerência com a verdade do evangelho. A atitude de Paulo revela o zelo pela pureza da mensagem da graça, que não admite duplicidade nem concessões à Lei.



b) - **Reconhecimento dos colunas:** Apesar do incidente posterior, anteriormente Pedro, Tiago e João tidos como colunas da igreja em Jerusalém reconheceram a graça que havia sido conferida a Paulo. Conforme Gálatas 2:9, eles deram a destra de comunhão a Paulo e Barnabé, concordando que estes fossem aos gentios, enquanto eles continuariam entre os judeus. Este reconhecimento não apenas legitima o apostolado de Paulo, como também confirma a distinção dos dois ministérios.

c) - **A transição entre alianças:** O ministério paulino representa o ponto de virada entre a antiga aliança baseada na Lei e a nova aliança fundamentada na graça. Em Romanos 10:4, Paulo declara que "o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê". Essa transição é escatológica: marca o encerramento do tempo do antigo pacto com a consumação das promessas em Cristo. Pedro, apesar de ter reconhecido a nova direção, não foi o porta-voz dessa nova aliança papel que coube exclusivamente a Paulo, o apóstolo dos gentios.

CONCLUSÃO

A compreensão dos dois apostolados é crucial para distinguir o ministério terreno do Cristo e sua continuidade através do apóstolo Paulo após a ressurreição. O reconhecimento dessa diferença permite a nós viver plenamente o evangelho da graça e abandonar os elementos judaizantes que não pertencem à Nova Aliança. Pedro, ainda que chamado por Deus, foi superado pelo ministério mais excelente revelado a Paulo.

Comentário Teológico Adicional:

A expressão "evangelho da incircuncisão" aponta para um evangelho alheio às exigências da Lei Mosaica. O termo grego para "apostolado" (ἀποστολή) denota "envio com comissão", sendo Paulo um enviado não por homens, mas por Cristo ressuscitado (Gálatas 1:1). O reconhecimento desse apostolado é vital para a compreensão do fim escatológico da Lei.



Orientação Didática:

Incentive os alunos a refletirem sobre a importância de se compreender a progressão da revelação bíblica. Promova debates sobre a diferença entre o evangelho do Reino e o evangelho da Graça. Use mapas, linhas do tempo e quadros comparativos entre Pedro e Paulo.

Questionário de Revisão:

1- Qual a principal distinção entre os apostolados de Pedro Paulo?

R: _____

2- Por que Paulo repreendeu Pedro publicamente em Antioquia?

R: _____

3- O que significa o termo "evangelho da incircuncisão" na teologia paulina?

R: _____

4- Como o ministério de Paulo evidencia a transição entre as alianças?

R: _____

5- Por que o reconhecimento dos colonos em Gálatas 2:9 é importante?

R: _____

6- Qual foi o impacto da dissimulação de Pedro entre os gentios em Antioquia?

R: _____

7- Como o conceito de reconciliação é central no apostolado de Paulo?

R: _____

8_ De que maneira a escatologia consumada se manifesta no ensino de Paulo?

R: _____



DOIS CRISTOS DIFERENTES

TEXTO ÁUREO

“Porque, se alguém for pregar-vos **outro Jesus** além do que já vos temos pregado, ou se recebeis outro espírito, ou outro evangelho que já recebestes, de boa mente o sofreríeis.” 2 Coríntios 11:4

VERDADE PRÁTICA

Receber a revelação do Cristo ressuscitado é abandonar os rudimentos do Cristo terreno e viver plenamente reconciliado com Deus, em graça e liberdade.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Gálatas 2:7-8

Terça: Romanos 7:4

Quarta: 2 Coríntios 5:17-19

Quinta: Efésios 2:14-18

Sexta: Colossenses 2:11-1

Sábado: Hebreus 8:13

Domingo: Romanos 11:6

Objetivos da Lição

1. Compreender a distinção entre o ministério de Jesus de Nazaré e o ministério do Cristo ressuscitado.
2. Explicar o impacto da mistura dos dois evangelhos na teologia e na prática da igreja institucional.
3. Ensinar a centralidade do ministério da reconciliação como missão da Igreja hoje.
4. Identificar as implicações espirituais e práticas de se relacionar com “dois Cristos” diferentes.

Ao longo da história da Igreja, a mistura entre a doutrina do Cristo terreno (Jesus de Nazaré) e a doutrina do Cristo ressuscitado (o Cristo da graça) gerou confusão, legalismo e uma religiosidade contraditória. O evangelho da graça, revelado ao apóstolo Paulo, distingue-se do evangelho da circuncisão, confiado a Pedro. Essa diferença marca o verdadeiro divisor de águas entre a Antiga Aliança e a Nova Aliança. Hoje, entender essa separação é essencial para viver a plenitude da reconciliação e da liberdade espiritual.

I - Dois Apostolados, Duas Doutrinas

O primeiro ministério apostólico estabelecido por Jesus foi direcionado exclusivamente às ovelhas perdidas da casa de Israel. Em Mateus 10:5-7, Jesus instrui os doze a não irem aos gentios, mas apenas aos judeus, anunciando que o reino dos céus estava próximo. Essa mensagem era provisória, contextualizada no tempo e vinculada à antiga aliança ainda em vigor, antes da cruz.

“A estes doze enviou Jesus, e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel.” Mateus 10:5-6

Pedro e os demais apóstolos receberam de Cristo uma missão nacionalista e temporária. Suas ações e pregações estavam baseadas na expectativa escatológica judaica da vinda do Messias terreno, sendo ainda regidos pelos princípios mosaicos. Esse ministério, segundo Paulo, seria mais tarde identificado como “evangelho da circuncisão” (Gálatas 2:7).

Comentário (Max R. King):

“A missão apostólica de Pedro estava intimamente ligada ao encerramento do sistema judaico. Ela apontava para o fim da velha era, mas ainda falava em linguagem e práticas do templo e da Lei.”



II - A Confusão Religiosa: Dois Cristos Misturados

a)-. A liturgia judaico-cristã: resquícios do velho pacto. Grande parte das práticas da cristandade atual é uma continuidade velada das tradições do judaísmo do Segundo Templo. Elementos como o jejum ritual, o uso de objetos unguídos, o calendário litúrgico baseado em festas hebraicas (páscoa, pentecostes, tabernáculos) e ritos como a apresentação de crianças, são apenas algumas das heranças incorporadas à igreja cristã pós-apostólica.

“Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós, que haja trabalhado em vão para convosco.” Gálatas 4:10-11

Essas práticas não são neutras. Elas são fruto da permanência de um evangelho misturado, que associa o Cristo terreno (Jesus de Nazaré) com o Cristo ressuscitado, como se fossem a mesma missão, o mesmo propósito e a mesma aliança. Isso cria um cristianismo ambíguo, que ora prega graça, ora exige obras; ora fala de reconciliação, ora impõe culpa e condenação.

Comentário preterista (Ed Stevens):

“O maior obstáculo à maturidade do corpo de Cristo foi, e ainda é, o apego às sombras do judaísmo, que já passaram. Misturar as eras é revogar a eficácia da cruz.”

b)-. Doutrina mista, efeitos devastadores: Quando se prega um Cristo híbrido, parte Jesus de Nazaré, parte Cristo ressuscitado. Os efeitos sobre a fé e a consciência dos crentes são profundamente danosos. O povo é mantido em oscilação emocional e espiritual. Um dia são filhos amados, no outro são pecadores condenados. Um culto fala de vitória, o seguinte ameaça com inferno e maldição. Isso causa o “curto-circuito teológico”, mencionado na ministração, em que a mente espiritual é impedida de se firmar na verdade.

“Porque Deus não nos deu espírito de temor, mas de poder, de amor e de moderação.” 2 Timóteo 1:7

Essa oscilação leva a comportamentos incoerentes. Pessoas que, por um lado, celebram a ressurreição, por outro lado continuam vivendo como se estivessem sob a Lei: jejuam para agradar a Deus, evitam “pecados” por medo de perder a salvação, e vivem debaixo de ameaças de maldição hereditária. Isso é resultado direto de um evangelho mal interpretado, em que o Cristo da cruz e o Cristo ressuscitado estão amalgamados em uma só narrativa confusa.

“Misturar a Lei com a graça, o velho com o novo, é tentar colocar vinho novo em odres velhos.” Lucas 5:37

Comentário: “Uma teologia incoerente gera espiritualidade incoerente. Quem crê em dois Cristos, vive como órfão espiritual, sem identidade nem herança.” Dr. Jack Scott.

c)- Adulterio espiritual: dois maridos, uma igreja confusa. Paulo, em Romanos 7:4, afirma que a igreja morreu para a Lei, a fim de que pudesse se unir ao ressuscitado. Essa metáfora revela que, espiritualmente, é impossível estar casado com dois pactos, dois ministérios ou dois Cristos. Misturar os ensinamentos do Nazareno pré-cruz com o ministério do ressuscitado é adulterio espiritual.

“Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a Lei pelo corpo de Cristo, para que sejais de outro, daquele que ressuscitou dentre os mortos.” Romanos 7:4

A igreja institucional moderna, ao conservar práticas e discursos do Cristo antes da cruz (que pregava à casa de Israel, debaixo da Lei), e ao mesmo tempo tentar viver a liberdade do Cristo ressuscitado, incorre em duplicidade espiritual. Essa duplicidade impossibilita a frutificação verdadeira para Deus, pois ninguém pode servir a dois senhores (Mateus 6:24, em analogia). O Cristo da carne já cumpriu seu papel. A Nova Aliança só tem eficácia no Cristo glorificado, entronizado e presente em espírito



Comentário (William Bell):

“O adultério espiritual denunciado por Paulo é o coração do problema eclesial atual: a igreja moderna não se divorciou do judaísmo; tenta manter duas alianças em paralelo, e assim trai o evangelho da reconciliação.”

III - O Ministério da Reconciliação

a)- Reconciliados com Deus por meio de Cristo: A essência do evangelho revelado ao apóstolo Paulo é que Deus já reconciliou consigo mesmo toda a humanidade por meio da obra consumada de Cristo. Essa reconciliação não é uma possibilidade futura, nem depende do esforço humano, mas é um ato completo, universal e irreversível, realizado por Deus, em Cristo, na cruz.

“E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo e nos deu o ministério da reconciliação.” 2 Coríntios 5:18

Enquanto a doutrina judaico-cristã ensina que Deus ainda está "esperando" reconciliação ou requerendo esforço humano para obtê-la, Paulo afirma que Deus mesmo tomou a iniciativa. O papel do crente, portanto, não é provocar reconciliação, mas aceitar e anunciar que ela já aconteceu.

Comentário (Max R. King):

“A reconciliação não é uma oferta condicional, mas uma realidade histórica, estabelecida na cruz e aplicada na consumação da era mosaica.”

b)- Um só Cristo, o Ressuscitado: O ministério da reconciliação só pode ser compreendido corretamente se for fundamentado no Cristo pós-ressurreição. Não há reconciliação em Jesus de Nazaré enquanto judeu, vivendo sob a Lei. A reconciliação só se efetiva no Cristo que venceu a morte, cumpriu a Lei e iniciou a Nova Criação.

“Porque por ele ambos [judeus e gentios] temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito.” Efésios 2:18



O Cristo ressuscitado é o único mediador da Nova Aliança (Hebreus 9:15). Relacionar-se com o Cristo terreno é anular o poder da cruz. Esse é o erro central da religião mista: tenta manter viva uma aliança que já foi encerrada com a morte de Cristo.

O Cristo ressuscitado é o único mediador da Nova Aliança (Hebreus 9:15). Relacionar-se com o Cristo terreno é anular o poder da cruz. Esse é o erro central da religião mista: tenta manter viva uma aliança que já foi encerrada com a morte de Cristo.

“Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” 2 Coríntios 5:17

Comentário (Don K. Preston):

“O verdadeiro Cristo da Nova Aliança não é o Jesus da Galileia, mas o Senhor glorificado. O erro da cristandade é continuar pregando o Cristo na carne, ignorando sua obra como mediador eterno.”

c)- A missão da Igreja reconciliada: Tendo recebido essa reconciliação, a Igreja é agora chamada a anunciá-la. Esse é o verdadeiro propósito do ministério: ser embaixadores da reconciliação, esclarecendo às pessoas que Deus não está mais irado, nem imputando pecados, pois já reconciliou consigo todas as coisas em Cristo.

“De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.” 2 Coríntios 5:20

A mensagem é paradoxal: Deus já reconciliou o mundo, mas muitos ainda não sabem disso. Cabe à Igreja da graça tirar os olhos do povo de Jesus de Nazaré (o mediador da Lei) e direcioná-los para o Cristo ressuscitado (mediador da graça). É nesse sentido que o ministério da reconciliação se torna urgente e libertador.

Comentário (David Curtis):

“Paulo não pede que os crentes busquem reconciliação, mas que reconheçam que ela já foi consumada. A missão da Igreja é despertar consciências para essa verdade já estabelecida.”



Essa missão, porém, exige clareza, coragem e fidelidade ao evangelho revelado a Paulo. Misturar doutrinas ou retornar aos rituais da velha aliança é trair o chamado do ministério da reconciliação. O povo de Deus precisa ser levado a atravessar a ponte espiritual que separa o velho do novo de Jesus de Nazaré ao Cristo glorificado.

CONCLUSÃO

Nesta lição, aprendemos que o verdadeiro evangelho está centrado no Cristo ressuscitado, não mais no Jesus de Nazaré, cuja missão era limitada ao povo judeu antes da cruz. Misturar os dois ministérios gera confusão, medo e escravidão espiritual. O chamado da igreja hoje é apresentar o Cristo correto e viver plenamente reconciliado com Deus, livres da culpa e das obras da Lei.

Comentário Teológico Adicional:

O Evangelho da graça de Deus interpreta a consumação da Nova Aliança como um evento já realizado, e vê no ministério de Paulo a plenitude dessa revelação. Por isso, viver hoje com base no Cristo ressuscitado é viver em conformidade com a consumação do plano de Deus.

Orientação Didática:

Convido vocês a confrontarem suas práticas religiosas com base no evangelho da reconciliação, criando debates com exemplos práticos de tradições judaico-cristãs ainda presentes nas igrejas. Faça uso exclusivo das epístolas paulinas. Elas são as bases doutrinárias do evangelho da graça de Deus.

Questionário – Lição 1: Dois Evangelhos Diferentes

1- Qual a principal diferença entre os apostolados de Pedro e Paulo?

R: _____

2- O que significa adultério espiritual no contexto da lição?

R: _____

NÃO COMA

NÃO BEBA

PROIBIDO

LIBERDADE
NO
EVANGELHO
DA GRAÇA

DOIS ESPÍRITOS DIFERENTES

TEXTO ÁUREO

“Porque, se alguém for pregar-vos outro Jesus além do que já vos temos pregado, ou se recebeis **outro espírito**, ou outro evangelho que já recebestes, de boa mente o sofreríeis.” 2 Coríntios 11:4

VERDADE PRÁTICA

Todo ensinamento produz um espírito: o evangelho da graça gera liberdade, o legalismo produz escravidão e hipocrisia.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: 2 Coríntios 11:4

Terça: 2 Coríntios 4:13

Quarta: Gálatas 2:11-13

Quinta: Gálatas 5:1

Sexta: Colossenses 2:16

Sábado: Gálatas 5:13

Domingo: 1 Coríntios 6:12

Objetivos da Lição

1. Explicar a diferença entre os dois espíritos gerados pelos apóstolos de Pedro e Paulo.
2. Ensinar que o “espírito” com letra minúscula representa comportamentos produzidos por doutrinas.
3. Alertar sobre os perigos das sutilezas religiosas que aprisionam o crente.
4. Reforçar a liberdade gloriosa dos filhos de Deus no evangelho da graça.

A proposta desta lição é levá-lo a refletir sobre os efeitos distintos de dois apostolados: o de Pedro, voltado para os judeus e baseado na Lei; e o de Paulo, voltado para os gentios e fundamentado na graça. O contraste entre esses ministérios não é apenas doutrinário, mas gerador de comportamentos espirituais distintos. O evangelho da graça, revelado ao apóstolo Paulo, liberta, edifica e reconcilia. O outro, com muitas repetições e sem discernimento, aprisiona e condena.

I - O Espírito como Comportamento Doutrinário

a)- O significado de “espírito” com letra minúscula: Na leitura bíblica, especialmente nas epístolas paulinas, a palavra “espírito” (com “e” minúsculo) frequentemente não se refere ao Espírito Santo, mas a um comportamento ou disposição gerado por uma determinada doutrina. Paulo escreve aos coríntios:

“Tendo, porém, o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós também cremos, por isso também falamos.”

(2 Coríntios 4:13)

Aqui, “espírito de fé” não é uma entidade, mas uma postura interior moldada pela verdade revelada. O espírito, nesse contexto, é a expressão prática da crença. Não se trata de algo místico, mas de uma forma de viver.

b)- O espírito é fruto do ensino recebido: Assim como uma doutrina legalista produz medo, culpa e hipocrisia, o evangelho da graça gera segurança, liberdade e fé. Isso significa que o espírito com que alguém vive revela o evangelho que essa pessoa recebeu. Um ensino baseado na performance humana gera comportamentos carregados de autojustificação. Já a fé no evangelho da graça produz confiança, alegria e gratidão.

Comentário de Don K. Preston: “O espírito é o reflexo da aliança que governa a mente; a velha aliança forjava servos temerosos, a nova aliança forma filhos confiantes.”

A proposta desta lição é levá-lo a refletir sobre os efeitos distintos de dois apostolados: o de Pedro, voltado para os judeus e baseado na Lei; e o de Paulo, voltado para os gentios e fundamentado na graça. O contraste entre esses ministérios não é apenas doutrinário, mas gerador de comportamentos espirituais distintos. O evangelho da graça, revelado ao apóstolo Paulo, liberta, edifica e reconcilia. O outro, muitas vezes repetido sem discernimento, aprisiona e condena.

c)- A fé autêntica é produzida pelo que está escrito: Paulo afirma que a fé verdadeira nasce do que foi revelado por Deus e registrado nas Escrituras:

*“A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo.”
(Romanos 10:17)*

Não basta crer em frases bonitas ou repetir jargões religiosos. O espírito de fé é alimentado por verdades escriturísticas do pacto da graça. O crente que confessa estar em graça, mas age segundo a lei, revela um espírito contraditório. Portanto, para que haja o verdadeiro espírito da fé, é essencial basear-se no que está escrito no evangelho de Cristo revelado a Paulo (Gálatas 1:11-12).

II - O Espírito do Legalismo vs o Espírito da Liberdade

a)- O apostolado de Pedro e o comportamento legalista: No livro de Gálatas, o apóstolo Paulo relata uma situação emblemática envolvendo Pedro:

*“Porque, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão.”
(Gálatas 2:12)*

Essa atitude demonstra que o espírito gerado pela doutrina que Pedro representava era instável, guiado pelo temor e pela dissimulação. O comportamento de Pedro oscilava conforme a presença de religiosos.

Isso revela um espírito legalista: exteriormente obediente, mas interiormente aprisionado pelo medo do julgamento humano. Comentário de John Noé: “O legalismo exige coerência com tradições, mesmo que em detrimento da verdade revelada. Pedro oscilava entre o velho e o novo, refletindo a transição em curso do primeiro século.”

b)- O espírito do legalismo produz hipocrisia e temor: O legalismo alimenta o medo de errar, gera duplicidade de comportamento e sufoca a autenticidade. Crentes vivem oprimidos por regras humanas, tentando agradar líderes religiosos mais do que a Deus. O espírito legalista impõe proibições não escriturísticas “*não toque*”, “*não coma*”, “*não vá*” anulando a obra consumada de Cristo (Colossenses 2:20-23).

Por isso, Paulo repreende Pedro publicamente (Gálatas 2:14), mostrando que o evangelho da graça não admite duplicidade: o espírito da verdade só se manifesta na liberdade.

c)- O espírito da graça é liberdade com responsabilidade: Ao contrastar com Pedro, Paulo mostra que o evangelho que Ihe foi revelado não produz servos, mas filhos livres:

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão.”
(Gálatas 5:1)

A liberdade gerada pelo espírito da graça não é libertinagem. É uma consciência espiritual madura que entende: “tudo me é lícito, mas nem tudo me convém” (1 Coríntios 6:12). Quem anda nesse espírito não vive por medo da punição, mas por gratidão ao favor imerecido de Deus.

Max R. King comenta: “O espírito da graça é autoconsciente. Não depende de leis externas, mas de um entendimento interior da reconciliação.”



III - A Liberdade Gloriosa dos Filhos de Deus

a)- Nenhum julgamento por comida ou bebida: O evangelho da graça, revelado a Paulo, rompe com os rituais da Lei e com os julgamentos religiosos baseados em aparência e costumes:

“Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados.”

(Colossenses 2:16)

O espírito da graça ensina que o valor do crente não está nas práticas exteriores, mas na nova identidade em Cristo. Ser livre significa viver sem a culpa imposta por regras humanas. O julgamento sobre o que comer, beber, vestir ou ouvir é eliminado pela cruz. A verdadeira liberdade é interna, espiritual e fundamentada no amor, não no controle.

Comentário de Ed Stevens: “O mundo judaico do primeiro século foi libertado do peso do cerimonialismo. Essa liberdade não é opcional é o resultado natural da plenitude da Nova Aliança.”

b)- Liberdade não é licença para a carne: Liberdade não significa ausência de limites, mas presença de maturidade espiritual:

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, porém, da liberdade para dar ocasião à carne.” (Gálatas 5:13)

A graça não promove o descontrole, mas forma uma consciência alinhada com o Espírito. A carne, com suas paixões, deve ser subordinada à nova mente em Cristo. O espírito da graça capacita o crente a decidir por si mesmo o que convém, guiado não pelo medo, mas pelo entendimento de que “tudo me é lícito, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Coríntios 6:12).

c)- A liberdade revela quem você realmente é: No sistema legalista, as proibições impedem a revelação do verdadeiro caráter. Já na graça, sem cercas e sem imposições, cada crente é chamado à autenticidade. A liberdade gloriosa dos filhos de Deus é a condição natural daqueles que foram reconciliados com o Pai por meio da obra consumada de Cristo:

“Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou, e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da servidão.” (Gálatas 5:1)

Comentário de André Reinke: “O crente maduro não precisa de grades: o evangelho em sua consciência é a cerca invisível que o guia.”

CONCLUSÃO

A lição de hoje nos ensinou que existem dois espíritos operando no meio cristão: um que aprisiona, vindo do legalismo, e outro que liberta, vindo da graça. O espírito que você manifesta depende do evangelho que você crê. Se crer no que está escrito, você andarão no espírito da fé. Se seguir tradições humanas, viverá em condenação e disfarce. Receba o evangelho da reconciliação e viva a liberdade gloriosa dos filhos de Deus.

Comentário Teológico Adicional:

A função pastoral, no evangelho da graça, não é vigiar ou controlar, mas ensinar e confiar na maturidade dos filhos de Deus.

A essência desta lição é a compreensão de que o evangelho que você crê molda profundamente o espírito com que você vive. O evangelho da graça, revelado exclusivamente ao apóstolo Paulo, não apenas mudou a doutrina, mas também transformou a maneira de se relacionar com Deus e com o próximo. Ele não exige performance, mas promove confiança. Ele não impõe pesos, mas concede alívio.



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse



Orientação Didática:

Durante a semana, cada aluno deverá observar e anotar três comportamentos ou pensamentos religiosos que percebe em si mesmo ou em ambientes ao seu redor e que são claramente herdados do antigo pacto (legalismo, medo, autojustificação, julgamentos etc.). Em seguida, deverá escrever como o evangelho da graça responde ou corrige cada um desses pontos.

Questionário

1- O que significa a expressão “espírito” com letra minúscula?

R: _____

2- Qual a diferença de comportamento gerado pelos apóstolos de Pedro e Paulo?

R: _____

3- O que é o espírito de fé segundo 2 Coríntios 4:13?

R: _____

4- Como a liberdade em Cristo deve ser usada segundo Gálatas 5:13?

R: _____

5- Por que a graça não pode ser imposta por proibição ou regra externa?

R: _____

6- Por que o legalismo gera medo e duplicidade de comportamento nos crentes?

R: _____

7- Qual é o papel da maturidade espiritual na vivência da liberdade cristã?

R: _____





JESUS DE NAZARÉ MINISTRO DA CIRCUNCISÃO

TEXTO ÁUREO

"Porque eu vos digo que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, por causa da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos pais." (Romanos 15:8)

VERDADE PRÁTICA

Jesus de Nazaré cumpriu seu ministério terreno como servo da Lei e da circuncisão, para que em sua morte e ressurreição se cumprissem todas as promessas.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Gálatas 4:4-5

Terça: Romanos 15:8

Quarta: Gênesis 12:3

Quinta: Gálatas 2:7-8

Sexta: 2 Coríntios 12:4

Sábado: 1 Coríntios 2:2

Domingo: Hebreus 10:19-22

Objetivos da Lição

- Mostrar que Jesus veio como servo da Lei para redimir os que estavam sob ela.
- Explicar a distinção entre o evangelho da circuncisão e o da incircuncisão.
- Ressaltar que o verdadeiro evangelho para os gentios é aquele revelado ao apóstolo Paulo após a ressurreição de Cristo.

A compreensão do ministério de Jesus de Nazaré como "ministro da circuncisão" é essencial para distinguir entre o antigo e o novo pacto. Segundo o evangelho da graça, Jesus cumpriu plenamente a Lei, encerrando-a em sua morte na cruz. Durante seu ministério terreno, Ele deu sinais da graça, mas não a pregou abertamente, pois sua missão era primeiramente cumprir a Lei e confirmar as promessas feitas aos patriarcas.

I - JESUS VEIO COMO SERVO DA LEI

a) Nascido sob a Lei: Em Gálatas 4:4-5, o apóstolo Paulo afirma que "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam debaixo da Lei". Isso revela que Jesus assumiu inteiramente a condição humana e o compromisso com o sistema legal do Antigo Testamento. Ele veio cumprir todas as exigências da Lei mosaica como parte de sua missão.

b) Redenção dos que estavam sob a Lei: Ao se submeter à Lei, Jesus possibilitou que todos os que nela estavam condenados fossem redimidos. O objetivo era claro: "a fim de que recebêssemos, diz o Apóstolo da graça, a adoção de filhos". Isso significa que a Lei não oferecia filiação plena com Deus; ela condenava. A verdadeira filiação é um privilégio inaugurado pela graça, não pelas obras.

c) Cumprimento total da Lei: Na cruz, ao declarar "Está consumado" (João 19:30), Jesus encerrou a obrigação do cumprimento da Lei como caminho para a justificação. Todas as exigências legais e rituais foram cumpridas nEle. Como afirma Hebreus 10:9-10, "tira o primeiro para estabelecer o segundo". O antigo pacto foi retirado para que o novo, fundamentado na graça, fosse estabelecido.

Com base nisso, o crente não está mais sujeito às exigências da Lei mosaica. O ministério terreno de Jesus como servo da Lei foi essencial para abrir caminho à plena adoção e à justificação pela fé, conforme revelado no evangelho da graça

II - JESUS COMO MINISTRO DA CIRCUNCISÃO

a) Confirmação das promessas aos pais: Romanos 15:8 declara que "Cristo foi constituído ministro da circuncisão por causa da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos pais". Jesus veio como o cumprimento das alianças feitas com os patriarcas, como Abraão, Isaque e Jacó. Seu ministério entre os judeus foi a confirmação de que Deus é fiel à sua palavra.

b) A promessa a Abraão: Antes mesmo da instituição da Lei mosaica, Deus prometeu a Abraão: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gênesis 12:3). Esta promessa abarcava não apenas Israel, mas também os gentios. A presença de Jesus entre os judeus teve como objetivo cumprir essa promessa, preparando o caminho para que todas as nações fossem alcançadas.

c) O fim da separação entre judeus e gentios: Em Gálatas 3:28, Paulo declara: "Não há judeu nem grego... porque todos vós sois um em Cristo Jesus". A divisão estabelecida pela Lei entre os povos foi abolida na cruz. Jesus, ao cumprir as promessas como ministro da circuncisão, possibilitou a reconciliação de todos em um só corpo. Como afirma Efésios 2:14-16, Ele derrubou o muro de separação e criou, dos dois povos, um só.

Sendo assim, o ministério de Jesus como ministro da circuncisão não se restringe à confirmação das promessas aos judeus, mas também prepara o terreno para a inclusão universal de todos os povos na nova aliança.

III - A MENSAGEM PARA OS GENTIOS APÓS A RESSURREIÇÃO

a) O evangelho da incircuncisão: Em Gálatas 2:7, Paulo relata que "viram que o evangelho da incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão". Isso mostra claramente que, após a ressurreição, houve uma distinção apostólica: Pedro continuou pregando aos judeus, enquanto Paulo recebeu a comissão divina para evangelizar os gentios.



b) Revelação a Paulo: Em 2 Coríntios 12:4, Paulo descreve que foi arrebatado ao paraíso e ouviu "palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar". Essas revelações, segundo o próprio apóstolo, constituem o fundamento do evangelho da graça que ele recebeu diretamente do Cristo glorificado. Trata-se de um evangelho superior em glória, desvinculado das obras da Lei.

c) Um novo fundamento: Em 1 Coríntios 2:2, Paulo afirma: "Nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado". Isso mostra que o foco do evangelho para os gentios não está na Lei ou nos rudimentos judaicos, mas em Cristo crucificado e ressuscitado. É a partir da cruz que nasce o verdadeiro evangelho que nos alcança hoje: não baseado em rituais, mas em uma nova criação (2 Coríntios 5:17).

Esse evangelho, revelado somente após a cruz, rompe com o antigo sistema e inaugura uma nova realidade espiritual. A partir dele, o povo de Deus deixa de ser identificado por linhagem ou etnia, e passa a ser reconhecido pela fé no Cristo ressuscitado.

CONCLUSÃO

Jesus de Nazaré cumpriu o papel de ministro da circuncisão para encerrar o pacto da Lei e confirmar as promessas. Ao morrer e ressuscitar, inaugurou o novo pacto, revelado a Paulo, o apóstolo dos gentios. Agora, você é chamado a viver não segundo a carne, mas segundo o espírito, consciente da liberdade que há na graça e da justificação plena realizada na cruz.

Comentário Teológico Adicional:

O ministério de Jesus como ministro da circuncisão evidencia a fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas à casa de Israel, sem, contudo, limitar Sua graça a um povo específico. Ao nascer sob a Lei (Gálatas 4:4) e confirmá-la, Jesus preparou o terreno para a revelação do evangelho eterno não mais baseado na linhagem ou nos ritos mosaicos, mas fundado na justificação pela fé, plenamente revelada após a cruz. .

Orientação Didática:

Durante a semana, reflita e identifique quais práticas religiosas você ainda mantém por costume ou medo, e analise se estão ligadas ao antigo pacto ou à nova vida em Cristo.

Questionário

1- Por que Jesus nasceu sob a Lei?

R: _____

2- Qual a diferença entre o evangelho da circuncisão e o da incircuncisão?

R: _____

3- Qual promessa a Cristo veio confirmar segundo Romanos 15:8?

R: _____

4- A quem foi revelado o evangelho da graça para os gentios?

R: _____

5- O que significa viver "segundo o espírito"?

R: _____

6- Qual foi o propósito de Jesus ao cumprir a Lei mosaica?

R: _____

7- Por que Paulo recebeu um evangelho diferente daquele pregado por Pedro?

R: _____

8- O que significa afirmar que a cruz marcou o fim do antigo pacto e o início do novo?

R: _____

9- Como a promessa feita a Abraão se conecta com a inclusão dos gentios?

R: _____



MORTOS PARA O PECADO

TEXTO ÁUREO

“Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.”
Colossenses 3:3

VERDADE PRÁTICA

A nova criatura em Cristo está morta para o pecado e viva para Deus, livre de condenação, vivendo sob a graça consumada

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Romanos 6:3

Terça: Colossenses 3:3

Quarta: Romanos 6:6-7

Quinta: Romanos 8:1

Sexta: 1 Coríntios 6:12

Sábado: Hebreus 9:26

Domingo: Romanos 6:14

Objetivos da Lição

- Compreender, à luz do evangelho da graça, que o pecado foi aniquilado na cruz e não domina mais o crente.
- Distinguir o viver espiritual segundo a nova aliança da vida carnal promovida pelo sistema religioso.
- Reafirmar que não há condenação para os que estão em Cristo Jesus e que a salvação não depende de obras.
- Estimular o crente a viver de forma coerente com a nova identidade em Cristo, resistindo aos desejos da carne.

Nesta lição, você será conduzido a um profundo entendimento espiritual: a morte para o pecado não é uma promessa futura, mas uma realidade consumada na cruz de Cristo. O evangelho da graça, em consonância com a escatologia preterista, revela que já estamos mortos para o pecado e que vivemos em novidade de vida. Tal compreensão confronta frontalmente a teologia tradicional que mantém o cristão em estado de constante culpa e condenação.

I - O VELHO HOMEM FOI CRUCIFICADO

A primeira verdade essencial para compreender que estamos mortos para o pecado é a revelação de que o velho homem a natureza adâmica, carnal, sujeita à lei e à condenação foi crucificado com Cristo. Este ato não é simbólico, mas real e consumado, conforme ensinado pelo apóstolo Paulo. A cruz foi o divisor definitivo entre o velho pacto e a nova criação. Entender isso é a base para vivermos como novas criaturas livres do pecado.

a) O batismo real aconteceu na cruz: Em Romanos 6:3, Paulo pergunta retoricamente:

“Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?”

Este batismo não é o ritual com água, como ensina a religião, mas uma imersão espiritual na morte de Cristo. Na cruz, fomos inseridos Nele, e com Ele morremos. É o batismo que selou o fim da velha natureza. O sistema religioso, ao insistir no batismo com água como forma de purificação, ressuscita sombras do Antigo Pacto. A realidade, segundo a graça, é que a verdadeira purificação foi realizada uma vez por todas na cruz, como afirma Hebreus 10:10.

A visão preterista reforça essa conclusão ao afirmar que com a queda do templo em 70 d.C., todos os elementos cerimoniais do judaísmo, inclusive os ritos de purificação, foram anulados. O batismo na morte de Cristo substituiu todo o sistema de expiação anterior.



b) O corpo do pecado foi desfeito: Paulo continua em Romanos 6:6:

“Sabendo isto, que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado.”

A expressão “corpo do pecado” representa a estrutura da velha natureza, com suas paixões e desejos, ligada à lei mosaica. O termo “desfeito” vem do grego *katargeō*, que também significa “abolido” ou “tornado inoperante”. Ou seja, a matriz da condenação foi destruída.

Na perspectiva do evangelho da graça, não lutamos contra o pecado como se ele ainda fosse uma ameaça espiritual. Lutamos contra os resquícios da carne, mas já em posição de vitória, pois espiritualmente estamos mortos para ele. Como afirma o estudioso preterista Max R. King, “a cruz não apenas propôs salvação futura, mas realizou o fim completo da era da morte e do pecado” (*The Cross and the Parousia*, 1987).

c) A carne está viva biologicamente, mas morta espiritualmente: Muitos cristãos vivem em confusão porque ainda se veem segundo a carne. Mas 2 Coríntios 5:16 é claro:

“Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne.”

A carne, a estrutura humana biológica continua viva, e por isso ainda deseja o mal. Porém, para Deus, ela está morta. Essa é a diferença entre vida biológica e vida espiritual. A graça ensina que não somos mais definidos por nossos impulsos ou falhas, mas pela nova criação gerada em Cristo (2 Coríntios 5:17).

Segundo Don K. Preston, “A morte do velho homem não é simbólica ou em processo, mas concluída. A cruz foi suficiente, e o cristão vive pela fé nessa verdade consumada.”

Portanto, embora possamos ainda experimentar desejos carnis, **nossa posição diante de Deus é de total justificação**. O velho homem já morreu. E como mortos, estamos livres da condenação, pois “quem morreu está justificado do pecado” (Romanos 6:7).

II - A CONDENAÇÃO FOI ANIQUILADA

A segunda grande verdade da nossa fé sob o evangelho da graça é que não existe mais condenação para os que estão em Cristo. A condenação foi aniquilada na cruz. O pecado, que antes nos separava de Deus por meio da lei, perdeu sua capacidade de condenar. Essa libertação é absoluta, eterna e irrevogável. É essencial que o crente compreenda que a justiça de Deus não se baseia em méritos humanos, mas na obra consumada de Cristo.

a) A ausência da lei impede a imputação do pecado: Em Romanos 4:15, Paulo afirma:

“Porque a lei opera a ira; mas onde não há lei, também não há transgressão.”

Este versículo é um divisor de águas na compreensão da justiça divina. A lei era o agente que gerava consciência de pecado e, conseqüentemente, ira e condenação (Romanos 5:20). Mas com a vinda de Cristo, a lei foi abolida (Efésios 2:15). Se não há mais lei, não há mais imputação de pecado (Romanos 5:13). Isso significa que as obras da carne, embora ainda existam, não têm mais poder condenatório diante de Deus.

O evangelho da graça de Deus esclarece que com a destruição do templo no ano 70 d.C., toda a estrutura legal que sustentava a antiga aliança desapareceu de vez, inclusive a autoridade sacerdotal que operava a imputação do pecado. Estamos, portanto, numa nova era: a era da não-condenação.

b) Estamos justificados pela morte com Cristo: Romanos 6:7 afirma:

“Porque aquele que está morto está justificado do pecado.”

Esse versículo é crucial para consolidar nossa identidade. A palavra “justificado” aqui vem do grego *dikaioō*, que significa “declarado justo, absolvido, inocentado”. Quando Cristo morreu, nós morremos com Ele. E como mortos com Cristo, já fomos julgados e absolvidos. Isso encerra qualquer possibilidade de condenação futura.

A teologia da graça ensina que não somos salvos por confessar, jejuar, batizar ou participar de rituais, mas por termos morrido com Cristo e isso aconteceu de forma espiritual e consumada na cruz. O velho homem foi julgado e destruído ali, e não há mais acusação que possa ser levantada contra os eleitos de Deus (Romanos 8:33).

c) Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo: Em Romanos 8:1, Paulo declara com ênfase:

“Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.”

Essa é uma das declarações mais poderosas da nova aliança. Estar em Cristo significa estar selado na nova criação, fora do alcance da condenação. Não se trata de um estado emocional, nem de uma conquista meritória. É uma posição espiritual irrevogável concedida pela graça.

David Curtis comenta:

“Quando Paulo diz que nenhuma condenação há, ele não está falando de uma possibilidade, mas de uma condição permanente da nova aliança. O pecado não tem mais status legal para nos condenar.”



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse



Aqui está o cerne da mensagem da graça: o pecado pode produzir consequências naturais, sociais ou emocionais, mas nunca espirituais. O crente pode cair, errar, tropeçar, mas nunca será condenado, pois Cristo já levou toda condenação na cruz (Isaías 53:5; João 3:18).

III - VIVER PELA GRAÇA, NÃO PELA CARNE

Entender que estamos mortos para o pecado e livres da condenação não é uma licença para viver desordenadamente. Muito pelo contrário: a graça nos educa a viver de forma sensata, justa e piedosa (Tito 2:11-12). A carne continua viva biologicamente e, portanto, ainda deseja errar o alvo. Mas, como novas criaturas, somos chamados a não permitir que ela reine sobre nossos corpos. A graça não relativiza o erro; ela capacita o crente a viver em santidade.

a) A graça não é licença para pecar: Paulo trata diretamente desse equívoco no início de Romanos 6:

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum!” (Romanos 6:1-2)

Alguns opositores da graça acusam falsamente o evangelho pleno de ser permissivo. Mas a própria Escritura desmente esse argumento. Paulo afirma que, justamente por estarmos mortos para o pecado, não devemos mais viver nele. A graça não estimula o pecado; ela o anula espiritualmente e nos move à consciência.

Comentário de William Bell:

“A ausência de condenação não é ausência de responsabilidade. A graça nos coloca na liberdade do Espírito, mas essa liberdade nos chama à maturidade, não ao descontrole.”

A prática do pecado ainda produz consequências nesta vida: vícios, rupturas, escândalos, tristeza. Por isso, viver pela graça é viver em responsabilidade diante de Deus, não por medo, mas por revelação e gratidão.

b) Apresentar os membros como instrumentos de justiça: Em Romanos 6:13, Paulo orienta:

“Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.”

Essa exortação é clara: não estamos mais em guerra contra o pecado no sentido condenatório, mas ainda somos chamados à vigilância contra seus efeitos. O chamado agora é para usar nosso corpo, nossas ações, palavras, tempo e talentos a serviço da justiça.

Estar morto para o pecado é uma posição espiritual. Mas agora, no plano terreno, Paulo nos convida a alinhar nosso comportamento com nossa identidade. A carne pede práticas do velho homem; o espírito clama pelas obras da nova criação.

c) O galardão será conforme as obras: Embora a salvação seja irrevogável e pela graça, o galardão é proporcional à nossa obra no Reino de Deus. 1 Coríntios 3:13-15 nos mostra que há dois tipos de obra:

“...a obra de cada um se manifestará; certamente, o dia a declarará... se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão.”

Obras feitas por obrigação, culpa ou para tentar "ganhar salvação" são classificadas como "madeira, feno e palha". Obras feitas com revelação e gratidão motivadas pela verdade da graça são "ouro, prata e pedras preciosas".

O teólogo Michael Sullivan ensina: "O galardão é uma extensão da fidelidade. O que fazemos após crer não define se somos salvos, mas mostra se estamos construindo sobre a rocha ou sobre areia. A graça não salva obras; mas salva o homem para que ele possa servir com obras."

Essa verdade traz equilíbrio: não fazemos boas obras para sermos salvos, mas porque fomos salvos. E ainda que o pecado não nos condene, nosso estilo de vida pode afetar profundamente nosso galardão e nosso testemunho.

CONCLUSÃO

Fomos libertos do pecado, da lei e da condenação. A cruz de Cristo destruiu o velho homem e nos deu nova vida. Não somos pecadores lutando para agradar a Deus; somos novas criaturas, já aceitas Nele. Cabe-nos viver de forma coerente com essa verdade, vencendo a carne pelo Espírito.

Comentário Teológico Adicional:

A visão da graça preterista afirma que toda a obra redentora foi consumada no primeiro século. O pecado foi aniquilado e a nova aliança foi estabelecida definitivamente após a destruição do templo em 70 d.C. Essa é a base para afirmarmos: estamos mortos para o pecado

Orientação Didática:

Faça uma autoavaliação e identifique pensamentos ou comportamentos que ainda refletem uma mentalidade de condenação religiosa. Renove sua mente pela verdade da graça.

Questionário

O que significa estar morto para o pecado?

R: _____

Por que o pecado não tem mais domínio sobre nós?

R: _____

O que Paulo quis dizer com “nosso velho homem foi crucificado”?

R: _____

Qual a diferença entre salvação e galardão segundo a graça?

R: _____



O VERDADEIRO JEJUM

TEXTO ÁUREO

Podem, porventura, jejuar os filhos das bodas, enquanto está com eles o esposo? Enquanto têm consigo o esposo, não podem jejuar." (Marcos 2:19)

VERDADE PRÁTICA

Na plenitude da nova aliança, o jejum como rito de aflição e busca de favor divino tornou-se obsoleto; a obra consumada de Cristo é suficiente.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Marcos 2:19

Terça: Mateus 9:14-15

Quarta: Isaías 58:6-7

Quinta: 2 Coríntios 11:27

Sexta: Atos 13:2-3

Sábado: Gálatas 5:22-23

Domingo: Hebreus 9:26

Objetivos da Lição

1. Explicar bíblicamente por que os discípulos de Jesus não jejuavam.
2. Mostrar que o jejum foi uma prática transitória entre as alianças.
3. Demonstrar, com base em Isaías 58, o verdadeiro "jejum" que agrada a Deus.
4. Aplicar o entendimento do evangelho consumado à prática cristã atual.

A prática do jejum possui raízes profundas na religião de Israel, mas sua permanência no contexto da nova aliança deve ser revista à luz da obra consumada de Cristo. No evangelho da graça, somos chamados não a rituais, mas a uma vida plena em Cristo. Esta lição examina bíblicamente o jejum como um elemento do pacto antigo, destacando sua transitoriedade à medida que o Reino de Deus foi plenamente revelado.

I - O JEJUM E A PRESENÇA DO ESPOSO

a) A Interrogação dos Discípulos de João: Em Mateus 9:14, os discípulos de João questionam Jesus sobre o motivo pelo qual seus discípulos não jejuavam, ao passo que eles e os fariseus o faziam com frequência. Essa interrogação reflete a expectativa escatológica do judaísmo da época, onde o jejum era sinal de tristeza e clamor pela intervenção divina. Jesus, no entanto, responde com uma imagem nupcial: “Podem, porventura, estar tristes os filhos das núpcias, enquanto o esposo está com eles?” (Mt 9:15). Isso revela que o tempo da aflição já não se aplicava àqueles que estavam na presença do Messias.

b) A Impossibilidade de Jejuar na Presença de Cristo: Marcos 2:19 reforça ainda mais a ideia com uma linguagem mais categórica: “Enquanto têm consigo o esposo, não podem jejuar”. Não se trata de mera conveniência ou preferência, mas de uma impossibilidade teológica. A presença do Esposo – Cristo – inaugura uma nova realidade espiritual, de alegria e plenitude. O jejum, como expressão de lamento, contradiria essa nova condição.

c) A Imagem Nupcial e a Nova Aliança: A escolha da imagem do “esposo” não é acidental. Ela remete a textos do Antigo Testamento como Isaías 62:5 e Oséias 2:19-20, que apresentam Deus como o Esposo de Israel. Ao assumir esse título, Jesus reivindica para si o papel divino e declara o cumprimento da promessa de restauração do povo de Deus. A nova aliança não se baseia em jejum e sacrifícios, mas na celebração da união definitiva entre Cristo e sua Igreja (cf. Ef 5:25-27). A presença do Esposo é a evidência de que o Reino já chegou (Lc 17:21).

II - A PRÁTICA DO JEJUM EM PERÍODOS DE TRANSIÇÃO

a) Jejuns nos Atos dos Apóstolos: Em Atos 13:2-3, vemos líderes cristãos jejuando ao buscar direção de Deus. Já em Atos 27:9, a menção ao “dia do jejum” (referência ao Yom Kippur) serve como indicação cronológica, mostrando que certos costumes judaicos ainda estavam presentes nos primeiros anos da igreja. Esses jejuns, portanto, devem ser compreendidos dentro de um contexto de transição entre a antiga e a nova aliança.

b) Paulo e os Jejuns por Necessidade: Em 2 Coríntios 11:27, o apóstolo Paulo afirma ter vivido em “fome e sede, em jejuns muitas vezes”, não como prática ritual, mas como consequência das provações do ministério. O termo “jejuns” aqui refere-se à abstinência forçada, não à disciplina espiritual para alcançar bênçãos.

c) O Jejum Mal-Intencionado: Em Atos 23:12, um grupo de judeus jejuou com o propósito de assassinar Paulo, jurando não comer nem beber até matá-lo. Esse episódio revela o quanto o jejum, quando desconectado da verdade do evangelho, pode ser deturpado e instrumentalizado para fins ímpios.

Esses exemplos, tomados em conjunto, mostram que o jejum no Novo Testamento aparece como prática ocasional, cultural e muitas vezes mal compreendida. Após a destruição do templo em 70 d.C., marco da consumação escatológica segundo o preterismo completo, não há mais espaço para rituais do antigo pacto. O foco da nova aliança está em Cristo, cuja obra plena elimina a necessidade de jejuns como meio de santificação, favor ou comunhão com Deus.

III - O JEJUM QUE AGRADA A DEUS – ISAÍAS 58:3-11

a) A Repreensão Profética contra o Jejum Ritualista: Isaías 58 inicia com um forte apelo divino contra o jejum vazio de significado ético e espiritual. O povo jejuava, mas continuava oprimindo os pobres, promovendo contendas e vivendo de modo injusto (Is 58:3-5). Deus rejeita esse tipo de espiritualidade desvinculada da prática da justiça.

O profeta deixa claro que Deus não se impressiona com demonstrações exteriores de religiosidade se não houver coerência com a ética do Reino. Isso ecoa no Novo Testamento, onde Jesus também denuncia os hipócritas que jejuam para serem vistos pelos homens (Mt 6:16-18).

b) O Jejum Agradável a Deus: Deus revela por meio de Isaías o tipo de jejum que Ele escolheu: “soltar as ligaduras da impiedade, desatar as ataduras da servidão, deixar livres os oprimidos e despedaçar todo jugo” (Is 58:6). Trata-se de ações concretas que visam à restauração da justiça e da dignidade humana. Alimentar o faminto, acolher o desabrigado, vestir o nu – eis o verdadeiro culto espiritual. A prática do bem ao próximo torna-se o meio pelo qual o povo manifesta o caráter de Deus. Assim, a espiritualidade não é medida pela abstenção, mas pelo amor que se doa.

c) Aplicações na Nova Aliança: O apóstolo Paulo ensina que os frutos do Espírito são evidência da vida cristã (Gl 5:22-23). Tais frutos se manifestam em atitudes semelhantes às que Isaías descreve como o jejum verdadeiro. Portanto, no evangelho da graça, o foco não está na abstenção física, mas na manifestação do amor prático. O preterismo completo afirma que, com a consumação da profecia e a plenitude da presença de Deus em Cristo, todo rito é substituído por realidade espiritual. A igreja é chamada a viver essa realidade por meio da justiça, compaixão e misericórdia – o verdadeiro jejum que continua agradando a Deus.

CONCLUSÃO

Recapitulamos que o jejum, enquanto rito religioso de lamento e busca de favor, perdeu sua função após a chegada do Esposo. A nova aliança não requer jejuns, mas vida plena, liberdade e serviço ao próximo. Em Cristo, tudo já foi consumado (Jo 19:30).

Comentário Teológico Adicional:

A interpretação preterista completo destaca que, com a vinda do Reino e a destruição do templo, todos os tipos de rituais religiosos antigos foram superados. O evangelho é agora uma realidade espiritual plena.

Orientação Didática:

Liste três práticas religiosas que você percebe que são herdadas do antigo pacto. Em oração, reflita como vivê-las à luz da plenitude da graça de Cristo.

Questionário

O que significa dizer que o jejum é "odre velho"?

R: _____

Por que os discípulos não jejuavam quando Jesus estava com eles?

R: _____

Qual o sentido do jejum no contexto do antigo pacto?

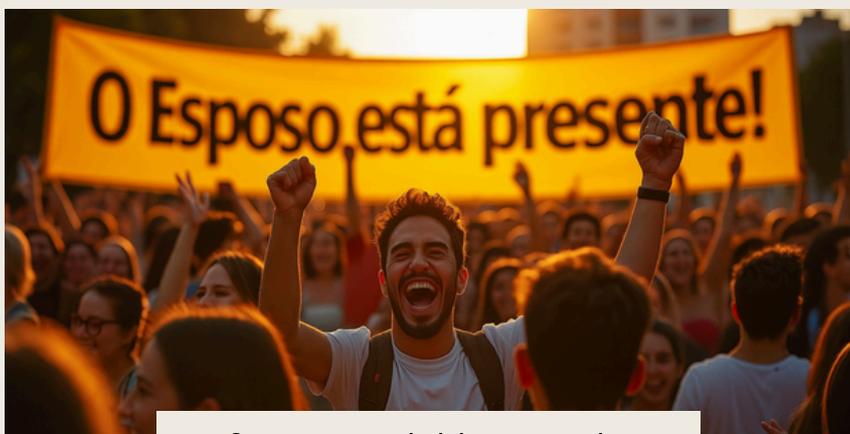
R: _____

O que Isaías 58 nos ensina sobre o verdadeiro jejum?

R: _____

Como podemos aplicar o evangelho consumado à nossa vida espiritual?

R: _____



ferramentabiblica.com.br

HÁ UM SÓ BATISMO

TEXTO ÁUREO

“Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?” (Romanos 8:3)

VERDADE PRÁTICA

O único batismo eficaz é aquele que ocorre na morte de Cristo, no momento da fé, selando o crente.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Marcos 2:19

Terça: Mateus 9:14-15

Quarta: Isaías 58:6-7

Quinta: 2 Coríntios 11:27

Sexta: Atos 13:2-3

Sábado: Gálatas 5:22-23

Domingo: Hebreus 9:26

Objetivos da Lição

- Explicar bíblicamente que o único batismo válido é o realizado na morte de Cristo, pela fé.
- Demonstrar que o batismo em águas era um rito da Antiga Aliança, sem validade na Nova.
- Apresentar os rudimentos como práticas ultrapassadas para quem vive na maturidade da graça.
- Incentivar a maturidade espiritual desvinculada de cerimônias ou símbolos materiais.
- Contrapor a doutrina de Jesus de Nazaré (ligada à Lei) à doutrina do Cristo Ressuscitado (ligada à Graça).

A doutrina do batismo é frequentemente mal compreendida nas igrejas tradicionais. O evangelho da graça, no entanto, revela que há apenas um batismo verdadeiro – aquele que se realiza na morte de Cristo, conforme Romanos 6:3. Esse batismo espiritual, não cerimonial, ocorre no exato momento em que se crê. O batismo em águas, praticado por João Batista e até pelo próprio Jesus, pertencia ao sistema da Lei e à Antiga Aliança. Na Nova Aliança, firmada no sangue de Cristo ressuscitado, não há necessidade de rituais materiais para confirmar uma realidade espiritual. O evangelho da graça nos liberta da repetição de sombras e símbolos, conduzindo-nos à plenitude do Espírito.

I - O VERDADEIRO BATISMO É A MORTE COM CRISTO

a) Um só batismo, um só corpo, um só Espírito: O apóstolo Paulo, ao escrever aos Efésios, declara com clareza:

“Um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Efésios 4:5).

Essa afirmação estabelece de forma definitiva que não há dois tipos de batismo válidos, nem uma sequência de batismos que se complementam. O evangelho da graça nos conduz à compreensão de que esse “um só batismo” não é o rito das águas, mas o batismo no corpo de Cristo, que acontece no momento da fé (1 Coríntios 12:13).

Este batismo não depende da ação humana, de um ministro ou de uma cerimônia pública. É uma ação espiritual operada pelo próprio Espírito de Deus, que une o crente ao corpo místico de Cristo. Isso o torna parte da nova criação, onde “nem judeu nem grego” fazem diferença (Gálatas 3:27). É um evento invisível, mas poderoso, cuja realidade se manifesta pela transformação interior.

Os que ainda insistem na continuidade do batismo em águas geralmente o fazem por tradição ou por uma leitura literalista das Escrituras. No entanto, à luz da graça, compreendemos que o batismo espiritual não é apenas superior, mas exclusivo, pois é o único que realmente insere o homem em Cristo.



Referências cruzadas:

- Efésios 4:4-5 – “um só Espírito... um só batismo”
- 1 Coríntios 12:13 – “fomos todos batizados em um Espírito formando um corpo”
- Gálatas 3:27 – “todos quantos fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes”

Comentário de (Max R. King): “O batismo espiritual é o único meio pelo qual o homem é enxertado na nova criação em Cristo. Os sinais visíveis foram úteis até o fim do tempo do velho pacto, mas na consumação do Reino, a realidade prevalece sobre o símbolo.”

b) A morte de Cristo como o batismo universal dos eleitos: Em Romanos 6:3-4, Paulo diz: “Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?”. Esta verdade é central no evangelho da graça. O batismo do qual Paulo fala não é o ritual em águas, mas uma unidade mística e espiritual com Cristo em Sua morte. Essa união foi realizada na cruz, quando Cristo morreu representando todos os seus.

O batismo na morte de Cristo é o ponto de transição definitiva entre a velha e a nova humanidade. Ali, os pecados foram levados, a carne foi crucificada, e uma nova natureza nasceu. Não se trata de um símbolo, mas de uma realidade eterna. O batismo, portanto, não é algo que o crente decide fazer, mas algo que Cristo fez por ele, e que é recebido pela fé

A cruz é, portanto, o lugar e o momento do verdadeiro batismo. O crente, ao crer, reconhece que ali morreu com Cristo, e dali ressurgiu em novidade de vida (Romanos 6:4). Esse batismo é irreversível e completo, selando eternamente sua identidade espiritual.

Referências cruzadas:

- Romanos 6:3-6 – “fomos sepultados com ele pelo batismo na morte”
- Colossenses 2:12 – “sepultados com ele no batismo”
- Gálatas 2:20 – “já estou crucificado com Cristo”

Comentário de (Don K. Preston): “O batismo em águas era sombra; o batismo na morte de Cristo é substância. A cruz marcou a mudança cósmica do velho para o novo. Tudo o que antes era apenas ritual, agora é realidade consumada.”

c) O selo do Espírito é a confirmação, não o ritual: Em Efésios 1:13-14, Paulo ensina que, ao ouvir o evangelho da salvação e crer, o crente é imediatamente selado com o Espírito Santo da promessa. Não há nenhum intermediário ou rito necessário. A ação é direta: ouvir, crer, ser selado. Isso comprova que o batismo verdadeiro é espiritual, invisível e eficaz, diferente de qualquer ação cerimonial.

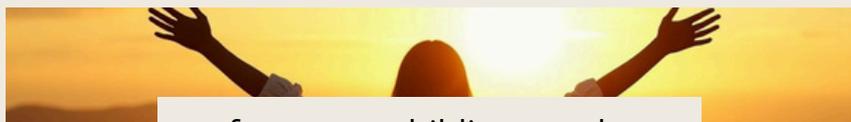
O selo do Espírito é a garantia (“penhor”) de nossa herança. Isso significa que o batismo no Espírito não apenas confirma a salvação, como também é o próprio testemunho divino de que o crente já pertence a Deus. Não se trata de uma experiência sensorial ou emocional, mas de uma verdade legal e espiritual.

Os que insistem em batizar em águas “após crer” estão, na verdade, sugerindo que o selo do Espírito não é suficiente. Essa ideia é contrária ao evangelho da graça, que ensina que a obra é completa em Cristo, e nada precisa ser acrescentado. A salvação é pela fé, não por fé mais um rito. O Espírito é o único selo necessário.

Referências cruzadas:

- Efésios 1:13-14 – “selados com o Espírito Santo da promessa”
- 2 Coríntios 1:21-22 – “nos ungiu, e também nos selou”
- João 3:6 – “o que é nascido do Espírito, é espírito”

Comentário de (Samuel G. Dawson): “A tentativa de substituir o selo do Espírito por ritos físicos revela uma incompreensão do evangelho. O Espírito é a herança do novo homem, e isso é recebido pela fé, não por água.”



ferramentabiblica.com.br

II - O BATISMO EM ÁGUAS ERA A SOMBRA DA LEI

a) O batismo de João era de arrependimento, não de regeneração: O ministério de João Batista foi uma preparação para o advento do Messias. Seu batismo era um “batismo de arrependimento” (Lucas 3:3), voltado aos judeus que estavam sob a Lei. Ele servia como sinal externo de uma disposição interna de mudança, mas não regenerava, nem concedia salvação. Era, essencialmente, um símbolo provisório de purificação moral e expectativa messiânica.

João mesmo declarou: “Eu vos batizo com água... mas aquele que vem após mim... vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mateus 3:11). Com isso, ele reconhecia que seu batismo era transitório, uma sombra de algo mais eficaz que viria. O batismo no Espírito, anunciado por ele, é o batismo da Nova Aliança – não simbólico, mas real, espiritual e transformador

A Lei mosaica era repleta de rituais de purificação com água (Êxodo 30:18-21; Levítico 14:8), todos eles simbólicos. O batismo de João segue essa lógica: uma ação externa que apontava para uma promessa interna futura. Contudo, uma vez cumprida essa promessa em Cristo, os símbolos tornam-se obsoletos (Hebreus 8:13).

Referências cruzadas:

- Lucas 3:3 – “pregava o batismo de arrependimento”
- Mateus 3:11 – “ele vos batizará com o Espírito Santo”
- Hebreus 10:1 – “a lei tem a sombra dos bens futuros”

Comentário de (Don K. Preston): “João Batista foi o último profeta da Antiga Aliança. Seu batismo estava vinculado à preparação do povo judeu para o Reino vindouro. Depois da cruz, o batismo de João se torna desnecessário, pois o Reino se manifestou em plenitude.”

b) O batismo de Jesus foi o cumprimento da justiça da Lei: O batismo de Jesus por João é muitas vezes mal interpretado como um modelo a ser seguido pelos cristãos. No entanto, o próprio Cristo explica a razão de sua ação:

“Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mateus 3:15). Essa expressão revela que Jesus não precisava se batizar por arrependimento, mas sim para cumprir as exigências da Lei, como o “servo de Moisés”.

Esse batismo tem validade temporária. Ao dizer “deixa por agora”, Jesus delimita sua ação ao contexto da Antiga Aliança. Ele se submete ao batismo de João não para estabelecer um rito perpétuo, mas para encerrar um ciclo da Lei. Assim como Jesus cumpriu a Páscoa, o sábado e os sacrifícios, também cumpriu o batismo judaico.

Além disso, o próprio João reconhece a inversão da lógica: “Eu é que preciso ser batizado por ti” (Mateus 3:14). Isso demonstra que o batismo de Jesus não tinha a mesma natureza do batismo dos demais, mas servia a um propósito messiânico e tipológico. Após a cruz, não há mais justiça a ser cumprida pela Lei, pois Cristo já a cumpriu toda (Romanos 10:4).

Referências cruzadas:

- Mateus 3:13-15 – “cumprir toda a justiça”
- Gálatas 4:4 – “nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei”
- Romanos 10:4 – “Cristo é o fim da lei para justiça”

Comentário de (Samuel G. Dawson): “O batismo de Jesus foi um marco na transição entre os dois pactos. Ele o fez para encerrar a sombra, não para perpetuá-la. Após a cruz, a justiça é pela fé, não por ritos legais.”

c) A Graça invalida os símbolos da carne: Com a manifestação do evangelho da graça, os símbolos da carne perdem completamente seu valor espiritual. Paulo adverte os gálatas: “Vocês que buscam justificação pela Lei, da graça caístes” (Gálatas 5:4). Isso inclui qualquer tentativa de buscar confirmação espiritual através de rituais externos, como o batismo em águas.



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse



A salvação pela graça exclui toda e qualquer obra ou símbolo. O batismo espiritual não precisa ser representado por algo físico, pois o Espírito não é matéria. Paulo ensina que a realidade está em Cristo, e os ritos eram apenas sombras (Colossenses 2:17). Voltar aos rituais é negar a suficiência da obra de Cristo.

Além disso, insistir no batismo em águas como um mandamento para salvação gera confusão com o evangelho. Isso adiciona um mérito humano à salvação, o que contradiz Efésios 2:8-9 – “pela graça sois salvos, mediante a fé... não vem das obras”. A maturidade espiritual demanda a rejeição desses símbolos e a vivência plena da nova aliança.

Referências cruzadas:

- Gálatas 5:4 – “da graça vos desligastes”
- Colossenses 2:17 – “sombra das coisas futuras”
- Efésios 2:8-9 – “não vem das obras, para que ninguém se glorie”

Comentário de (F. W. Farrar): “O evangelho da graça é libertação total do sistema cerimonial. As águas do batismo não têm mais poder, pois o Espírito é a única fonte de regeneração. A verdadeira fé não precisa de sombra.”

III - DEIXANDO OS RUDIMENTOS

a) Hebreus 6:1-3 e a convocação para deixar os rudimento: A carta aos Hebreus apresenta um chamado claro à maturidade espiritual. Em Hebreus 6:1-3, lemos: *“Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos para a perfeição”*. A palavra “rudimentos” (do grego stoicheia) refere-se aos elementos básicos, iniciais e provisórios da fé cristã, que pertenciam ao período de transição entre a Antiga e a Nova Aliança.

Entre os rudimentos listados estão: arrependimento de obras mortas, fé em Deus, doutrina de batismos, imposição de mãos, ressurreição de mortos e juízo eterno. Essas doutrinas eram apropriadas para o tempo em que os crentes ainda estavam sendo tirados do judaísmo e introduzidos na nova realidade do Reino. No entanto, com a consumação da Nova Aliança, esses fundamentos deveriam ser superados.

O apelo do autor é claro: não fiquem presos ao alicerce, mas construam sobre ele. É necessário reconhecer que certas doutrinas, por mais sagradas que pareçam, já cumpriram seu papel. Permanecer nelas impede o progresso e a maturidade. O evangelho da graça exige essa ousadia: abandonar a sombra para viver a substância.

Referências cruzadas:

- Hebreus 6:1-3 – “deixando os rudimentos... prossigamos para a perfeição”
- Gálatas 4:9 – “como tornais outra vez aos rudimentos fracos e pobres?”
- Colossenses 2:20-22 – “morreste com Cristo para os rudimentos do mundo”

Comentário de (Max R. King): “A maturidade espiritual só é possível quando a igreja abandona os rudimentos ligados à antiga administração. Hebreus clama por uma nova compreensão, centrada na consumação do Reino e na plenitude do Espírito.”

b) O Espírito não é matéria: graça não tem ritos: Uma das maiores rupturas promovidas pelo evangelho da graça é a distinção entre espírito e matéria. O evangelho ensina que a verdadeira adoração não depende de elementos físicos ou geográficos: “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João 4:24).

Rituais como batismo em águas, imposição de mãos e outras práticas cerimoniais são expressões materiais de uma era transitória, usadas para apontar para realidades espirituais. No entanto, uma vez que a realidade espiritual chegou, não há mais lugar para os símbolos. A graça é suficiente em si mesma. Ela não precisa de sacramentos, nem de mediações humanas ou objetos físicos.

O Espírito Santo age internamente, convencendo, regenerando e selando. Ao contrário dos elementos da carne, que produzem apenas formas visíveis, o Espírito produz transformação genuína e invisível.

O apóstolo Paulo é enfático ao declarar que “nenhuma destas coisas tem valor contra a sensualidade” (Colossenses 2:23), referindo-se às práticas exteriores. A maturidade reside em reconhecer que tudo já foi feito em Cristo.

Referências cruzadas:

- João 4:24 – “Deus é Espírito...”
- Colossenses 2:20-23 – “todas estas coisas perecem pelo uso”
- 2 Coríntios 3:6 – “a letra mata, mas o Espírito vivifica”

Comentário de (Don K. Preston): “Os ritos pertencem ao mundo visível e carnal. O Reino, consumado em Cristo, é espiritual. A maturidade na fé requer rejeitar o tangível em favor da verdade invisível do Espírito.”

c) Da infância para a maturidade abandone as sombras: O apóstolo Paulo frequentemente compara os crentes imaturos a crianças espirituais, presas à forma, à aparência e aos mandamentos exteriores. Em Gálatas 4:1-3, ele afirma que enquanto o herdeiro é menino, vive como servo, sujeito a tutores e curadores, até o tempo determinado pelo Pai. Assim era o povo de Deus sob a Lei: infantilizado pelas sombras.

No entanto, ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho (Gálatas 4:4) e encerrou o período da tutela. Os que ainda dependem de batismo em águas, de imposição de mãos ou de doutrinas de juízo eterno, estão presos ao tempo da infância, sem desfrutar da liberdade da graça. O chamado do evangelho é para amadurecer, discernindo o que é eterno do que era transitório.

A maturidade espiritual consiste em viver a realidade do Espírito, onde não há mais necessidade de sinais externos. O que era símbolo – como o batismo em águas já foi substituído pela experiência espiritual direta com Cristo. O evangelho da graça nos eleva do nível do rito para o nível da fé plena, sem obras, sem sombras e sem repetições.



Referências cruzadas:

- Gálatas 4:1-7 – “o herdeiro, enquanto é menino, em nada difere do servo”
- Colossenses 2:17 – “as coisas são sombras... mas o corpo é de Cristo”
- Efésios 4:13-14 – “até que todos cheguemos... à estatura de varão perfeito”

Comentário de (Samuel G. Dawson): “A permanência em ritos religiosos revela uma igreja ainda infantil. A maturidade exige discernimento, coragem e libertação da simbologia judaica. A graça não é sombra: é substância.”

CONCLUSÃO

A lição confirma que o único batismo válido é o que ocorre na morte de Cristo, no momento da fé, sem necessidade de ritual externo. A compreensão da graça liberta o crente dos rudimentos da religião e o conduz à maturidade espiritual. Batismo em águas, imposição de mãos, e outros rituais cerimoniais pertencem à Antiga Aliança, que já foi consumada em Cristo.

Comentário Teológico Adicional:

O evangelho consumado nos ensina que todas as promessas e sombras foram consumadas na vinda plena do Reino. A igreja atual vive em plenitude espiritual, sem necessidade de repetir os sinais do que já se cumpriu.

Orientação Didática

Refleta sobre quais práticas religiosas você ainda mantém por tradição e verifique se elas estão alinhadas com a graça e a maturidade espiritual. Compartilhe em grupo como você entende o batismo hoje, à luz da fé no Cristo ressuscitado



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse



Questionário

Qual é o verdadeiro batismo mencionado em Romanos 6:3?

R: _____

Por que Jesus foi batizado por João Batista?

R: _____

O que significa “deixar os rudimentos” segundo Hebreus 6:1-3?

R: _____

Quais práticas religiosas são consideradas sombras e não substância?

R: _____

Como o crente alcança a maturidade espiritual na graça?

R: _____

Por que o batismo em águas é considerado uma sombra da Lei e não uma prática da Nova Aliança?

R: _____

O que significa amadurecer na fé segundo Hebreus 6:1, e como isso se aplica ao abandono dos rituais religiosos?

R: _____



ferramentabiblica.com.br



A CEIA DE CRISTO NA GRAÇA DE DEUS

TEXTO ÁUREO

"Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria que o Espírito Santo dá." (Romanos 14:17 - NTLH)

VERDADE PRÁTICA

A verdadeira ceia de Cristo não é um ritual físico, mas um banquete espiritual vivido no evangelho da graça.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Lucas 22:15-16

Terça: Mateus 26:29

Quarta: Romanos 14:17

Quinta: 1 Coríntios 5:7-8

Sexta: Gálatas 4:4

Sábado: Romanos 7:4-6

Domingo: 1 Coríntios 12:13

Objetivos da Lição

- Distinguir a Páscoa judaica da ceia espiritual no evangelho da graça.
- Compreender que Cristo, ao cumprir a lei, abriu um novo e vivo caminho no espírito.
- Desconstruir os ritos religiosos baseados em sombras e compreender a plenitude do vinho novo.
- Despertar a consciência para o viver pela fé, sem culpas e sem medo da tradição.

Nesta lição, você será conduzido a uma profunda reflexão sobre o verdadeiro significado da ceia de Cristo, à luz do evangelho da graça. A tradição religiosa transformou um jantar pascal em um sacramento carregado de culpa, medo e repetição vazia. Porém, quando iluminados pela mente de Cristo, entendemos que o verdadeiro jantar ocorre no reino do Pai, onde o vinho é novo e a comunhão é espiritual. A ceia em graça é um banquete eterno, e não um ritual físico.

I - A ÚLTIMA CEIA: PÁSCOA OU NOVA ALIANÇA?

a) Jesus cumpriu a lei, não instituiu um novo pacto naquela noite: A narrativa da chamada “última ceia”, amplamente celebrada nas igrejas como a instituição da Santa Ceia, na verdade se refere ao jantar da Páscoa judaica. Jesus, como judeu nascido sob a lei, estava cumprindo as ordenanças do Antigo Pacto. Conforme está escrito: “Não pensem que eu vim acabar com a lei de Moisés ou com os ensinamentos dos profetas. Eu não vim para acabar com eles, mas para dar o seu sentido completo” (Mateus 5:17 – NTLH). Ou seja, o Mestre estava vivendo plenamente as obrigações cerimoniais de um judeu.

Em Gálatas 4:4, Paulo esclarece que “Deus enviou o seu Filho, que nasceu de uma mulher e viveu debaixo da lei”. Logo, é incoerente afirmar que naquele momento Jesus já estivesse inaugurando uma nova aliança, pois o testador ainda não havia morrido. O autor de Hebreus é claro ao dizer: “Onde há testamento, é necessário que intervenha a morte do testador” (Hebreus 9:16). Isso significa que a Nova Aliança só entrou em vigor após a morte e ressurreição de Cristo.

Portanto, a ceia descrita em Lucas 22 não foi a instituição de um novo sacramento, mas o encerramento simbólico de um ciclo de sombras que apontavam para o verdadeiro jantar espiritual que viria depois da cruz. O entendimento espiritual dessa transição é o que separa os que vivem pela graça daqueles que ainda estão presos ao legalismo das cerimônias.



b) O pão e o cálice eram símbolos, não realidades espirituais:

Durante o jantar pascal, Jesus tomou o pão e o vinho e deu novo significado a esses elementos, dizendo: “Isto é o meu corpo” e “Este cálice é o novo pacto no meu sangue” (Lucas 22:19-20). Contudo, é importante compreender que tais palavras eram simbólicas e apontavam para algo que ainda ocorreria: a sua morte na cruz. Ele não estava oferecendo seu corpo literal nem o sangue verdadeiro, mas anunciando, em figura, o que se concretizaria no Calvário.

As igrejas, ao tomarem essas expressões literalmente, acabam perpetuando uma prática que se tornou, nas palavras de Paulo, “uma sombra das coisas futuras” (Colossenses 2:17). O pão da padaria e o suco da videira não possuem qualquer poder espiritual. Como Cristo disse, “o espírito é que dá vida, a carne para nada aproveita” (João 6:63).

A celebração literal do pão e do cálice, como um ritual repetitivo, é uma manutenção da velha aliança, não um desfrute da nova. O entendimento gracista revela que o verdadeiro corpo é a igreja, e o sangue foi derramado uma única vez para tirar o pecado do mundo (Hebreus 9:26). Persistir nos ritos físicos é negar a suficiência do sacrifício de Cristo.

c) A nova ceia seria no Reino do Pai: A chave hermenêutica está em Lucas 22:18, onde Jesus declara: “Eu afirmo a vocês que nunca mais beberei deste vinho até que chegue o Reino de Deus”. Essa fala é interpretada pelo evangelho da graça como uma clara distinção entre a velha e a nova aliança. Jesus deixa de participar do jantar físico da Páscoa para anunciar um novo jantar espiritual que só aconteceria no Reino.

II - O VINHO VELHO E OS ODRES ROMPIDOS

a) O vinho velho é a velha aliança e suas práticas: Jesus ensinou com clareza que “ninguém põe vinho novo em odres velhos” (Marcos 2:22). Esse vinho velho representa a velha aliança, fundamentada na lei mosaica, com suas ordenanças, jejuns, festas, cerimônias e sacrifícios físicos. Entre elas, a celebração da Páscoa e a tradicional “Santa Ceia” adotada pelas igrejas evangélicas são resquícios claros da religião judaica, aplicadas de forma deturpada à vida cristã.

Essas práticas, antes da cruz, faziam parte da pedagogia de Deus com Israel, mas se tornaram obsoletas após o sacrifício de Cristo. O escritor aos Hebreus afirma que “tornando nova a aliança, ele tornou antiquada a primeira. E aquilo que se torna antiquado e envelhecido, perto está de desaparecer” (Hebreus 8:13). O vinho velho, portanto, não é apenas ultrapassado ele é prejudicial quando tentam reaplicá-lo à Nova Aliança.

O problema do vinho velho é que ele perdeu o sabor. Virou vinagre. A repetição da Santa Ceia física, mês após mês, gera apenas culpa, medo e condenação. Não há vida em rituais. A ceia da graça é um banquete de vida, não de culpa. O vinho da religião é fermentado pelo medo: medo da morte, medo do diabo, medo da “falta de comunhão”. Mas em Cristo, “já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1).

b) Odres velhos são vidas presas à religião: Jesus comparou os odres velhos às estruturas rígidas e ultrapassadas que não suportam o vinho novo. Vidas aprisionadas pela religiosidade não conseguem conter a revelação da graça. Quando se tenta misturar lei e graça, o odre se rompe. Ou seja, a pessoa se frustra, entra em crise espiritual, vive dividida entre medo e liberdade e geralmente volta a se submeter à escravidão da lei (Gálatas 5:1).

O vinho velho em odres velhos resulta em vidas quebradas: cristãos feridos, cansados de repetir cerimônias que não transformam. São “cultos de Santa Ceia” onde se come pão e se bebe suco, mas ninguém sai edificado. Em vez de liberdade, há condenação. Em vez de paz, há vigilância. A mesa que deveria ser de comunhão virou um tribunal.

Paulo advertiu a Igreja de Corinto sobre isso ao dizer: “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (1 Coríntios 5:6). O fermento da velha aliança com seus rudimentos físicos contamina a pureza da fé. O evangelho da graça não tolera misturas. Ou você vive pela fé, ou pela carne. Ou pelo espírito, ou pela cerimônia. Não há meio termo.



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse



c) Só odres novos suportam o vinho novo: O vinho novo que Cristo prometeu o verdadeiro jantar no Reino do Pai só pode ser servido em odres novos, ou seja, em pessoas regeneradas pela revelação da graça. Um odre novo é uma consciência renovada, uma mente iluminada, alguém que compreende que o Reino não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Romanos 14:17).

Viver pela graça exige abandono completo das práticas da antiga aliança. É morrer para a lei para viver para Deus (Romanos 7:4). É deixar de lado o pão da padaria e o vinho da videira para se alimentar do pão vivo que desceu do céu a revelação do Cristo glorificado. É beber do vinho novo que não embriaga com medo, mas enche de paz.

Em 1 Coríntios 12:13, Paulo afirma: “Pois todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos... e a todos nós foi dado beber de um só Espírito”. Eis o verdadeiro vinho. Eis a verdadeira comunhão. Não há mais cálice físico, mas um Espírito compartilhado entre os que creem. E essa bebida espiritual só pode ser desfrutada por odres novas pessoas que abandonaram o vinho velho da religião.

Quem ainda insiste em praticar as obras da lei, como a Santa Ceia física, está vivendo como se Cristo não tivesse morrido e ressuscitado. Está preso à sombra, quando o sol da justiça já brilhou. O evangelho da graça nos convida a viver livres, a nos despir dos odres velhos da religião, e a beber do cálice vivo da revelação, todos os dias.

III - A VERDADEIRA CEIA NO REINO DO ESPÍRITO

a) A ceia da graça é o banquete da palavra revelada: Ao afirmar que não beberia mais do vinho até que o bebesse “no Reino do Pai” (Mateus 26:29), Jesus não estava adiando um ritual físico, mas anunciando uma nova realidade espiritual. O vinho novo não é tangível, não está em um cálice, mas é o evangelho revelado a palavra da graça que nutre o espírito.



No evangelho da graça, entendemos que o Reino de Deus já veio com a consumação da antiga aliança na destruição de Jerusalém em 70 d.C. O Reino não é futuro, nem visível: “O Reino de Deus está dentro de vocês” (Lucas 17:21 – NTLH). Assim, o banquete anunciado por Cristo não é uma futura “ceia literal”, mas o desfrute atual da sua plenitude espiritual.

O pão é a palavra que nos alimenta. O vinho é o Espírito que nos vivifica. A ceia é um estilo de vida uma comunhão diária com o Cristo ressuscitado em nós. Não se trata de um momento litúrgico, mas de um banquete permanente: “E todos nós fomos batizados em um só corpo, e a todos foi dado beber de um só Espírito” (1 Coríntios 12:13).

Esse jantar não tem dia, não tem hora, não depende de pão nem de suco. Ele acontece quando você ouve a palavra revelada, quando sua mente é alimentada pela graça, quando seu espírito é fortalecido na verdade. É isso que celebramos na ceia de Cristo no Reino do Espírito: a festa da revelação, não da repetição.

b) Não se celebra com pão e vinho, mas com sinceridade e verdade: Paulo, escrevendo aos coríntios, desmonta a ideia de uma ceia ritualística ao dizer: “Celebramos, pois, a festa, não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Coríntios 5:8). O apóstolo nos ensina que a verdadeira ceia não envolve elementos físicos, mas uma postura interior.

A sinceridade é o oposto do fingimento religioso. A verdade é o evangelho da graça puro, sem adição de rudimentos da lei. Quando se pratica a “Santa Ceia” como ritual, perde-se a essência daquilo que Cristo conquistou: uma comunhão viva e permanente no espírito.

A igreja da graça não repete cerimônias judaicas. Não revive sombras. Não precisa de pão da padaria nem de cálice de suco. Vive da palavra. Alimenta-se da revelação. E celebra a nova aliança no espírito, não na carne, a vida não a morte.



O próprio Paulo afirma que “a letra mata, mas o espírito vivifica” (2 Coríntios 3:6). A ceia feita de letra (elementos físicos e regras) mata a comunhão. Já a ceia do espírito (revelação e liberdade) vivifica, edifica e liberta. Esse é o banquete da graça.

c) A vida no evangelho da graça é o verdadeiro jantar com Cristo: Jesus declarou que não beberia mais do vinho velho até que bebesse com seus discípulos o vinho novo no Reino. Esse “jantar verdadeiro” não é uma ceia escatológica futura, mas a própria vida espiritual na nova aliança: “O Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17).

A ceia verdadeira é a nova vida em Cristo. É viver sem culpa, sem medo, sem condenação. É estar sentado com Ele nas regiões celestiais (Efésios 2:6), desfrutando de uma comunhão íntima e permanente. Esse é o banquete que a religião não oferece. A religião repete a Páscoa, mas Cristo oferece graça.

Enquanto as igrejas tradicionais celebram uma ceia com pão e suco, a igreja do evangelho eterno celebra a revelação diária. Não precisa de domingo, de roupa branca, de mesa ornamentada. Precisa de entendimento espiritual. O jantar é diário, no espírito. É o banquete da paz, da plenitude, da comunhão sem culpa.

Aquele que bebe do vinho novo já não tem medo da morte, do pecado ou do inferno. Vive no espírito, frutifica para Deus e se recusa a voltar ao velho odre da religião. Está embriagado de graça, nutrido pela palavra, cheio da verdade.

Essa é a ceia de Cristo na graça de Deus: contínua, espiritual, abundante e eterna.

CONCLUSÃO

A ceia de Cristo, celebrada no evangelho da graça, não tem nada a ver com os elementos da tradição evangélica. É uma experiência contínua e espiritual, onde o vinho novo é a palavra revelada e o pão é a comunhão com o corpo de Cristo, que somos nós. Ao entender isso, você é liberto das amarras religiosas e convidado a viver uma vida plena, frutífera e sem medo, pois o cordeiro já foi imolado e o reino do Pai já é realidade.

Comentário Teológico Adicional:

A teologia da graça revela uma ruptura definitiva com os elementos físicos e simbólicos da antiga aliança. A ceia de Cristo na graça não deve ser confundida com a celebração litúrgica da Santa Ceia, herdada do judaísmo e adaptada pelo cristianismo tradicional. Segundo a perspectiva gracista, o tempo da antiga aliança já se cumpriu, tendo sido encerrado definitivamente em 70 d.C., com a destruição do templo e a queda de Jerusalém marco escatológico da transição plena do velho para o novo.

Dentro dessa compreensão, o banquete do Reino anunciado por Jesus (Lucas 22:16-18) não é uma promessa futura, mas uma realidade presente. Esse banquete espiritual é representado pela comunhão contínua com o Cristo ressuscitado, vivida por meio da palavra revelada, não por meio de elementos físicos. Paulo afirma que “Cristo, o nosso Cordeiro Pascal, já foi imolado” (1 Coríntios 5:7), e que agora celebramos a festa com os “asmos da sinceridade e da verdade”, ou seja, sem símbolos, sem fermento, sem rituais.

Portanto, toda prática que perpetua a sombra do antigo pacto, como a “Santa Ceia” física, representa uma regressão à caducidade da letra. A verdadeira adoração é em espírito e em verdade (João 4:23), e a ceia é a vida em Cristo. Essa vida é vivida no espírito, à margem das instituições religiosas e livre dos rudimentos carnis da lei mosaica.

Orientação Didática

Peça aos alunos que façam uma análise crítica das práticas cerimoniais que ainda existem em suas comunidades ou experiências religiosas. Eles devem listar:

- Três práticas visíveis que remetem à Antiga Aliança (como Santa Ceia, dísimos ou jejum como obrigação).
- Refletir, com base em Romanos 14:17, se tais práticas contribuem para a vida no Reino do Espírito.
- Compartilhar no próximo encontro como a consciência da graça tem mudado sua forma de se relacionar com Deus sem culpa, sem medo, e com liberdade.

Questionário

Qual era o verdadeiro contexto da ceia celebrada por Jesus antes da cruz?

R: _____

O que significa o vinho novo citado por Cristo?

R: _____

Por que a ceia física não tem mais validade espiritual no evangelho da graça?

R: _____

O que ocorre quando se tenta viver a graça com práticas da lei?

R: _____

Como o evangelho da graça nos conduz à verdadeira comunhão com Deus?

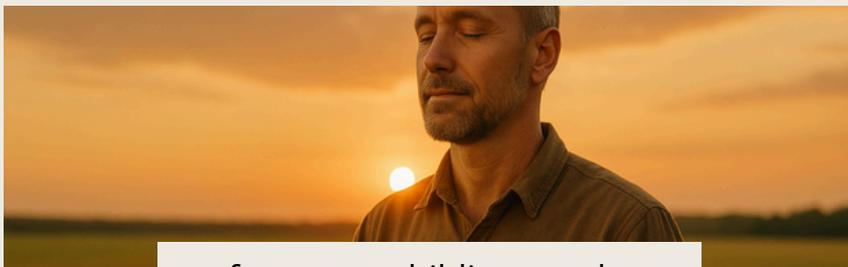
R: _____

Por que Jesus não poderia instituir a Nova Aliança antes de sua morte na cruz?

R: _____

O que significa beber do vinho novo no contexto do evangelho da graça?

R: _____



ferramentabiblica.com.br



A IMPOSIÇÃO DE MÃOS

TEXTO ÁUREO

"A unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine." (1 João 2:27)

VERDADE PRÁTICA

A imposição de mãos como prática espiritual é um rudimento ultrapassado que insulta a suficiência da obra consumada de Cristo.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Hebreus 6:1-2

Quinta: 1 João 2:20

Terça: Atos 21:17-26

Sexta: 1 João 2:27

Quarta: 2 Coríntios 1:21-22

Sábado: Tito 3:5-6

Domingo: 1 Timóteo 2:5

Objetivos da Lição

- Demonstrar bíblicamente que a imposição de mãos era um rudimento do pacto cruzado.
- Desconstruir o uso contemporâneo dessa prática como instrumento de unção ou autoridade espiritual.
- Reforçar a suficiência da obra de Cristo e da habitação plena do Espírito Santo no crente.
- Incentivar a rejeição de práticas que atribuem poder espiritual a homens.

No contexto da graça, certas práticas adotadas por tradições religiosas ainda são sustentadas por versículos descontextualizados e por costumes herdados do judaísmo do primeiro século. A imposição de mãos como símbolo de transmissão de unção, autoridade ou dom espiritual é uma dessas práticas que, embora recorrente nas Escrituras, deve ser entendida à luz do cruzamento de pactos vivido por Paulo e os apóstolos. Nesta lição, refletiremos sobre como essa prática se tornou um insulto à obra perfeita de Cristo e um retrocesso à lei mosaica.

I - RUDIMENTOS DA LEI NO MINISTÉRIO DE PAULO

a) O Pacto Cruzado e os Costumes Judaicos: Durante o primeiro século da era cristã, os apóstolos, mesmo já anunciando o evangelho da graça, ainda conviviam com elementos do antigo pacto. Este período é conhecido como pacto cruzado uma sobreposição entre a Lei mosaica e a Nova Aliança que estava sendo revelada. Paulo, embora pregasse com ousadia a graça, ainda se submetia a costumes judaicos para não escandalizar os irmãos judeus. Em Atos 21:20-26, por exemplo, vemos Paulo seguindo uma orientação de Tiago para se purificar junto com outros homens e participar de um ritual judaico no templo. O objetivo era “mostrar que andava conforme a lei” e evitar escândalo entre os judeus convertidos, que ainda eram “zelosos da Lei”.

Esse contexto revela que os apóstolos estavam em transição, não no destino. A plenitude da graça ainda estava sendo consolidada. Segundo Max King, esse período deve ser entendido à luz da destruição do templo em 70 d.C., quando todos os elementos físicos da antiga aliança foram definitivamente encerrados. A carta aos Hebreus também confirma esse entendimento ao afirmar que o antigo pacto “estava envelhecido e perto de desaparecer” (Hebreus 8:13).

Assim, é essencial compreender que práticas como purificações, votos, circuncisões e até imposição de mãos estavam contextualizadas em uma igreja ainda em formação. Não são doutrina eterna para os nossos dias.



No contexto da graça, certas práticas adotadas por tradições religiosas ainda são sustentadas por versículos descontextualizados e por costumes herdados do judaísmo do primeiro século. A imposição de mãos como símbolo de transmissão de unção, autoridade ou dom espiritual é uma dessas práticas que, embora recorrente nas Escrituras, deve ser entendida à luz do cruzamento de pactos vivido por Paulo e os apóstolos. Nesta lição, refletiremos sobre como essa prática se tornou um insulto à obra perfeita de Cristo e um retrocesso à lei mosaica.

b) A Imposição de Mãos como Prática Rudimentar: Em Hebreus 6:1-2, Paulo lista a imposição de mãos como parte dos “princípios elementares” da doutrina de Cristo práticas que deveriam ser deixadas de lado em favor do que é perfeito. Ao colocar a imposição de mãos na mesma lista que o batismo e o juízo eterno, Paulo sinaliza que esses eram rudimentos, ou seja, fundamentos transitórios da fé que pertenciam à infância espiritual da igreja.

Esses rudimentos eram úteis enquanto a igreja vivia entre o Velho e o Novo Testamento, mas se tornaram obsoletos após a consumação do novo pacto. Continuar praticando imposição de mãos como se fosse um canal de poder espiritual é, portanto, ignorar que o Espírito Santo já habita plenamente no crente. A imposição de mãos era uma prática comum no judaísmo para consagrar, curar ou transmitir autoridade, mas perdeu sua função com a nova ordem espiritual inaugurada por Cristo.

Don K. Preston afirma que a epístola aos Hebreus é uma convocação à maturidade, convidando os cristãos a deixarem os símbolos e seguirem firmemente o real, ou seja, Cristo e sua obra consumada.

c) A Contradição da Circuncisão de Timóteo: Um dos maiores exemplos de que Paulo ainda carregava rudimentos em sua prática ministerial é a circuncisão de Timóteo, descrita em Atos 16:1-3. Apesar de pregar a graça aos gentios e afirmar em Gálatas 5:2 que “se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará”, Paulo circuncida Timóteo por causa dos judeus. Isso não é contradição doutrinária, mas uma adaptação momentânea dentro do pacto cruzado.

Portanto, usar o gesto de Paulo ao impor mãos sobre Timóteo (2 Timóteo 1:6) como justificativa para consagrações ou transmissões espirituais hoje é ignorar o contexto histórico e espiritual da igreja em transição. Se essa imposição de mãos deve ser imitada, por que não também a circuncisão de discípulos? Seria um retrocesso ao judaísmo, e como diz Ed Stevens, “qualquer prática que leve o crente a depender de ritos físicos viola a natureza espiritual e consumada da nova aliança”.

Cristo é suficiente. Qualquer gesto que atribua a um homem a capacidade de transmitir o que já foi dado por Cristo é um insulto à cruz. A imposição de mãos, à luz da graça consumada, é um rudimento superado.

II - A UNÇÃO QUE VEM DE DEUS, NÃO DOS HOMENS

a) Unção Delegada é Engano Espiritual: No sistema religioso contemporâneo, é comum a crença de que líderes espirituais possuem poder para transferir unção através de gestos, especialmente pela imposição de mãos. Essa prática, no entanto, carece de fundamento na Nova Aliança. A unção, segundo as Escrituras, não é delegável por homens, mas é concedida diretamente por Deus ao crente que crê em Cristo. O apóstolo João escreve claramente: “E vós possuís a unção que vem do Santo” (1 João 2:20). Isso significa que a unção é um dom espiritual direto, não intermediado por nenhuma figura humana.

Quando alguém afirma ter “autoridade para ungir” ou “liberar unção” sobre a vida de outro, está assumindo um papel que compete exclusivamente ao Espírito Santo. Isso gera uma dependência mística e emocional das pessoas em relação aos líderes, substituindo a suficiência de Cristo por uma estrutura hierárquica similar à do sacerdócio levítico, o qual foi abolido pela cruz (Hebreus 10:10-14).

Max King, defensor da escatologia consumada, observa que “o poder do Espírito Santo não é concedido por rituais externos, mas pela fé na obra consumada de Cristo”. Aceitar qualquer outro meio de “receber poder” é aceitar uma doutrina estranha ao evangelho da graça.

b) A Unção Não Pode Ser Transferida: O erro da transferência de unção é reforçado por uma má interpretação de experiências bíblicas. Um exemplo recorrente é o de Paulo impondo as mãos sobre Timóteo (2 Timóteo 1:6). No entanto, como já visto, esse ato deve ser compreendido dentro do contexto rudimentar do primeiro século, e não como doutrina para os nossos dias. Paulo também circuncidou Timóteo (Atos 16:3), o que demonstra que tais práticas eram circunstanciais.

Não existe na nova aliança a ideia de que a unção possa ser “passada” de uma pessoa para outra. Cristo é a fonte direta de toda unção, e o Espírito Santo foi derramado plenamente no coração de cada crente (Tito 3:5-6). A Bíblia nunca declara que um homem pode ungir espiritualmente outro homem. O que vemos hoje nas igrejas que praticam a “imposição de mãos para liberar unção” é uma mistura de animismo, gnosticismo e feitiçaria religiosa.

A mulher com fluxo de sangue tocou em Jesus e dele saiu virtude (Marcos 5:30), mas isso não foi um ato de imposição ou transmissão. Foi a fé dela que ativou a cura, não um gesto ritual de Cristo. Ele mesmo disse: “A tua fé te salvou” (Lucas 8:48), e não: “a minha unção te salvou”.

c) Feitiçaria Disfarçada de Espírito Santo: A imposição de mãos para “passar unção” é, segundo o apóstolo Paulo, uma forma de feitiçaria disfarçada de espiritualidade. Quando confrontou os gálatas, ele perguntou: “Quem vos fascinou?” (Gálatas 3:1), em referência àqueles que voltavam à confiança em rituais e práticas da Lei. Essa fascinação está presente hoje nas igrejas que insistem em manter práticas espirituais de origem judaica sob a roupagem da graça.

Não existe qualquer texto na Nova Aliança que autorize um homem a dizer: “Receba o Espírito Santo pelas minhas mãos”. Em 2 Coríntios 1:21-22, Paulo escreve: “Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações.” O sujeito da unção é Deus. O verbo é exclusivo d’Ele. O agente humano está excluído da equação.

Don K. Preston afirma que “a imposição de mãos após a cruz tornou-se simbólica e passageira. A insistência em sua permanência é resquício da antiga dispensação e negação prática da suficiência da cruz.”

Portanto, toda tentativa de instituir uma “unção pastoral, episcopal ou apostólica” é paganismo com linguagem bíblica. É substituir a autoridade do Espírito pela autoridade de um homem. A imposição de mãos como meio de conferir poder espiritual é um insulto direto à obra perfeita de Cristo, que nos ungiu com o Espírito Santo no momento da fé.

III - A GRAÇA É COMPLETA: NADA PODE SER ACRESCENTADO

a) Cristo Nos Ungiu Completamente: O ensino central da nova aliança é a suficiência de Cristo. Ele é o sumo sacerdote eterno que ofereceu um único sacrifício eficaz para sempre (Hebreus 10:12-14). Isso significa que não há mais espaço para intermediários, rituais simbólicos ou gestos humanos que pretendam acrescentar algo à obra da cruz. A unção que o crente recebe é completa, espiritual e permanente, vindo diretamente do Santo: “Mas vós tendes a unção do Santo, e sabeis tudo” (1 João 2:20).

A ideia de que alguém precisa de “mais unção” ou de uma “unção especial” de um líder religioso é uma distorção que perpetua a dependência humana e nega a autonomia espiritual que cada filho de Deus possui em Cristo. É Cristo quem nos ungiu, nos confirmou e nos selou com o Espírito Santo (2 Coríntios 1:21-22). A unção não é fragmentada, condicional ou dosada por rituais humanos. Ela é plena.

Ed Stevens comenta que, ao contrário do antigo pacto, em que a unção era derramada sobre reis, sacerdotes e profetas, no novo pacto todos os crentes são ungidos igualmente, sem distinção de função ou cargo. Somos “nação santa e sacerdócio real” (1 Pedro 2:9) sem mediações carnisais.

b) O Espírito Santo Habita Plenamente: Um dos maiores enganos modernos é a crença de que o Espírito Santo precisa ser “ativado” por um líder ou que sua manifestação depende de uma “imposição de mãos” feita num culto. Essa ideia, além de ser antibíblica, é uma afronta ao dom eterno recebido por meio da fé. “Ele nos salvou... mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que Ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador” (Tito 3:5-6).

O Espírito Santo não vem aos poucos, nem fica incompleto esperando um “gatilho” humano. Ele habita plenamente no crente desde o novo nascimento. A doutrina da habitação plena é uma das colunas do evangelho da graça. É por isso que Paulo, em Romanos 8:9, afirma que “se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. Ou seja, não existe crente sem Espírito Santo. A presença do Espírito não é progressiva, é absoluta.

Max King declara que, após a consumação da nova aliança, “o Espírito passou a habitar não mais em templos físicos, mas em pessoas regeneradas, de forma contínua e plena, sem necessidade de elementos cerimoniais”.

c) A Imposição de Mãos Invalida a Cruz: A imposição de mãos como rito de consagração ou liberação de dons espirituais coloca o homem como mediador, violando frontalmente a função exclusiva de Cristo como único mediador entre Deus e os homens (1 Timóteo 2:5). Quando alguém diz: “Receba agora o Espírito Santo” ou “Eu te unjo como pastor, evangelista ou apóstolo”, está, ainda que inconscientemente, afirmando que a obra da cruz foi incompleta que algo ainda depende da sua ação humana.

Isso é gravíssimo. É um retorno ao modelo sacerdotal levítico, onde somente os ungidos podiam ministrar. Mas a cruz derrubou essa estrutura. A cortina do templo foi rasgada. O acesso a Deus foi universalizado. O Espírito Santo já foi derramado. Toda tentativa de continuar a “consagrar” ou “ungir” alguém com imposição de mãos representa um retrocesso espiritual.

Don K. Preston conclui que “cada gesto humano que tenta substituir ou complementar a cruz não apenas falha, mas ofende. Cristo não precisa de ajudantes litúrgicos para aplicar sua obra. Ele já a completou.”

Assim, aceitar a imposição de mãos como se dela emanasse poder espiritual é negar a suficiência da graça. É dar ao homem o que pertence exclusivamente a Deus. E isso, além de teologicamente equivocado, é espiritualmente perigoso.

CONCLUSÃO

Esta lição reforça que a prática da imposição de mãos não é compatível com a nova aliança estabelecida por Cristo. O Espírito Santo foi plenamente derramado por meio de Jesus, e não há base bíblica na graça para que homens transfiram dons, autoridade ou unção. Voltar a esse tipo de prática é negar a cruz e se submeter a ritos que beiram a feitiçaria religiosa.

Comentário Teológico Adicional:

Segundo estudiosos como Max King, Don K. Preston e Ed Stevens, a epístola aos Hebreus é clara ao mostrar que tais rudimentos estavam sendo abolidos com a chegada do novo templo a igreja espiritual. A imposição de mãos, o batismo em água e os sacrifícios eram sombras da realidade perfeita que agora habita em nós.

Orientação Didática

Você não precisa da imposição de mãos de ninguém para ser cheio do Espírito. Reconheça a suficiência da cruz, confie na habitação plena do Espírito e rompa com práticas religiosas que invalidam a obra consumada.

Refleta sobre quais práticas religiosas você ainda mantém que podem ter origem em rudimentos da lei. Compartilhe com a turma um exemplo e como você pode substituí-la por uma prática fundamentada na graça

Questionário

O que Paulo recomenda em Hebreus 6:1-2 sobre os rudimentos?

R: _____

Qual era o contexto da imposição de mãos nos dias de Paulo?

R: _____

A quem pertence a verdadeira unção, segundo João?

R: _____

Por que a imposição de mãos hoje é um insulto à obra de Cristo?

R: _____

O que devemos fazer diante de práticas religiosas não fundamentadas na graça?

R: _____

O que significa viver hoje com a unção que vem do Santo?

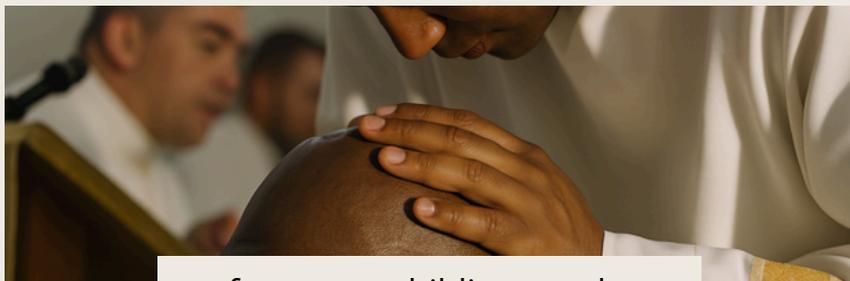
R: _____

Por que a imposição de mãos não é compatível com a nova aliança?

R: _____

Como o entendimento da suficiência da cruz afeta a sua vida espiritual?

R: _____



ferramentabiblica.com.br

O DÍZIMO À LUZ DA GRAÇA

TEXTO ÁUREO

"Cada um contribua segundo propôs no seu coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria." (2 Coríntios 9:7)

VERDADE PRÁTICA

Na Nova Aliança, não somos obrigados a dizimar, mas somos convidados a contribuir com alegria, por gratidão, e com foco nos necessitados.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: Malaquias 3:8-11

Terça: Deuteronômio 14:22-29

Quarta: Mateus 23:23

Quinta: Hebreus 7:12

Sexta: 2 Coríntios 9:6-8

Sábado: Gálatas 3:10-13

Domingo: Efésios 1:3

Objetivos da Lição

- Compreender que o dízimo era uma lei dada exclusivamente a Israel no Antigo Pacto.
- Explicar que a contribuição no Novo Pacto é voluntária e motivada pela graça.
- Esclarecer que o "devorador" em Malaquias não são demônios, mas pragas literais.
- Contrapor interpretações legalistas com a liberdade da Graça.

A doutrina do dízimo, ainda hoje, gera debates intensos na igreja. Para muitos, é uma obrigação moral e espiritual. Contudo, à luz da teologia da Graça, a obrigação do dízimo não encontra respaldo na Nova Aliança. Esta lição busca mostrar a distinção entre a prática do dízimo sob a Lei de Moisés e a contribuição voluntária vivida na Graça, revelada principalmente nas epístolas paulinas.

I - O DÍZIMO NO ANTIGO PACTO

a) Público-alvo da Lei: A Lei mosaica foi estabelecida exclusivamente para o povo de Israel, conforme o pacto feito no Sinai. O livro de Malaquias, por exemplo, é uma mensagem dirigida especificamente à nação de Israel, denunciando a infidelidade dos sacerdotes e do povo quanto à Lei. Portanto, não há base para aplicar a obrigação do dízimo à igreja gentílica. As palavras "roubareis a Deus?" (Ml 3:8) estão dentro de um contexto de correção a um povo sob um pacto condicional, não se aplicando aos que estão sob a Graça incondicional.

b) A natureza do dízimo: O dízimo era eminentemente agrícola. Deuteronômio 14:22-29 esclarece que o povo deveria separar a décima parte de toda a colheita anual, não dinheiro. Entre os produtos citados estão o cereal, o vinho e o azeite. Havia ocasiões em que o dízimo era transformado em dinheiro apenas para facilitar o transporte, mas ao chegar ao templo, esse valor era reconvertido em comida para ser consumida diante do Senhor com alegria. Essa prática tinha significado espiritual e social, ensinando temor a Deus e promovendo comunhão com os necessitados.

c) Propósito do dízimo: O dízimo era o mecanismo de sustento dos levitas, que não possuíam herança e se dedicavam exclusivamente ao serviço do templo (Números 18:21-24). A cada três anos, o dízimo era entregue aos necessitados da cidade: órfãos, viúvas e estrangeiros. Portanto, o objetivo principal do dízimo era alimentar e cuidar do povo em situação de vulnerabilidade. Ignorar essa função social transforma o dízimo em um ritual vazio.



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse



Além disso, a prática de usar Malaquias para justificar arrecadações monetárias modernas desvirtua seu significado original. A prática era coletiva, agrícola e de cunho solidário, e sua imposição aos gentios representa uma distorção da doutrina da Graça.

II - O NOVO TESTAMENTO E A MUDANÇA DE PACTO

a) Jesus e a Lei: Jesus nasceu sob a Lei (Gálatas 4:4) e viveu integralmente dentro do contexto do Antigo Pacto. Suas palavras e ações estavam em conformidade com a Lei de Moisés, pois o Novo Testamento só entra em vigor com a morte do testador (Hebreus 9:16-17). Ao confrontar os fariseus em Mateus 23:23, Jesus menciona o dízimo, mas não como imposição para os gentios, e sim como denúncia da hipocrisia religiosa que valorizava rituais e negligenciava a justiça, a misericórdia e a fé. Ele cumpriu toda a Lei, como exigência para inaugurar a Nova Aliança.

b) A Nova Aliança em Paulo: Com a ressurreição de Cristo, inicia-se a Nova Aliança, e o apóstolo Paulo é o principal porta-voz dessa revelação à igreja gentílica. Paulo ensina que houve mudança de sacerdócio, e por isso, mudança de lei (Hebreus 7:12). Os crentes, agora, são o templo do Espírito Santo (1 Coríntios 3:16) e também os mordomos da graça de Deus. Não há mais templo físico, nem levitas, nem dízimo como tributo, mas uma comunhão de irmãos sustentando uns aos outros por amor.

c) Contribuição voluntária: Em 2 Coríntios 9:7, Paulo deixa claro que a contribuição deve ser feita "segundo propôs no coração", e não "com tristeza ou por necessidade". A graça liberta o crente da imposição e do medo. Não há porcentagem estipulada, mas liberdade para dar com alegria e generosidade. A contribuição é um ato de fé e amor, não de obrigação. O foco é suprir as necessidades dos santos, socorrer os aflitos e sustentar a obra com discernimento. Paulo nunca associou contribuição a maldição ou devorador, mas à abundância de boas obras.

III - O DEVORADOR E OS ERROS DE INTERPRETAÇÃO

a) Gafanhotos reais, não demônios: O texto de Malaquias 3:11, assim como o livro de Joel, descreve o "devorador" como uma praga literal de insetos, como gafanhotos, lagartas e pulgões, que destruíam lavouras. Essas pragas eram utilizadas por Deus como forma de disciplina à nação de Israel, quando esta se desviava da Lei. Em nenhum momento os textos bíblicos associam o devorador a demônios ou entidades espirituais malignas. A má interpretação surge da tentativa de aplicar um contexto agrícola e nacional à vida financeira do cristão na Nova Aliança.

b) A manipulação pelo medo: Infelizmente, muitos líderes religiosos distorcem o sentido do texto de Malaquias para impor uma obrigação financeira aos membros da igreja. Usam a figura do "devorador" como um demônio que consome as finanças dos que não dizimam, criando um ambiente de medo e culpa. Essa prática contraria os princípios da Graça, que libertam o cristão da condenação e da ameaça. O medo não é instrumento legítimo para fomentar a generosidade. Deus deseja contribuições feitas com amor e entendimento, não com pânico ou coação espiritual.

c) Na Graça não há maldição: A Nova Aliança, segundo Paulo, nos libertou da maldição da Lei (Gálatas 3:13). Já fomos abençoados com toda sorte de bênçãos espirituais (Efésios 1:3), e nada do que fazemos nos coloca em posição de troca com Deus. A contribuição financeira, portanto, não deve ser entendida como meio de escapar de maldições ou atrair bênçãos, mas como expressão de um coração grato e generoso. O devorador literal ficou no passado da história de Israel. Hoje, na Graça, Deus nos chama a confiar nEle e a compartilhar com alegria aquilo que temos.

CONCLUSÃO

A doutrina do dízimo pertence ao Antigo Pacto e à Lei de Moisés. Na Nova Aliança, vivemos pela Graça, onde a contribuição é espontânea, por amor, e voltada ao necessitado. A "casa do tesouro" somos nós; o "devorador" era um inseto, não um demônio. A prática religiosa que impõe o dízimo como barganha é um retrocesso.

Comentário Teológico Adicional:

Que esta lição sirva para que o aluno reavalie suas práticas religiosas e passe a contribuir com alegria, entendendo que o Reino de Deus é espiritual.

Orientação Didática

Identifique em sua vida atitudes ou crenças que ainda estão presas ao Antigo Pacto e substitua-as por princípios da Graça

Questionário

Qual era o destino do dízimo na Lei mosaica?

R: _____

A quem foi dirigido o livro de Malaquias?

R: _____

O que representa o "devorador" segundo o contexto de Malaquias?

R: _____

Qual é a forma correta de contribuir na Graça?

R: _____

Por que a igreja não está debaixo de maldição?

R: _____

Quais elementos compunham o dízimo no Antigo Testamento?

R: _____

Qual o propósito social do dízimo na Lei de Moisés?

R: _____

Por que o ensino de Paulo invalida a prática do dízimo como obrigação financeira na Graça?

R: _____



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse





A UNÇÃO COM ÓLEO

TEXTO ÁUREO

“Mas vós tendes a unção do Santo, e sabeis tudo.” – 1 João 2:20 (NTLH)

VERDADE PRÁTICA

A verdadeira unção para o crente não vem de rituais ou símbolos, mas do Espírito Santo, que habita e ensina aqueles que estão em Cristo.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: 1 João 2:20
Terça: 2 Coríntios 1:21
Quarta: Efésios 1:13

Quinta: Hebreus 10:1
Sexta: Atos 2:4
Sábado: Tiago 5:14

Domingo: João 14:26

Objetivos da Lição

- Explicar o significado original da unção com óleo no Antigo Testamento.
- Esclarecer o contexto cultural e destinatário da carta de Tiago.
- Diferenciar a unção cerimonial da unção do Espírito Santo no Novo Pacto.
- Criticar biblicamente o uso atual do óleo como instrumento espiritual.
- Aplicar a compreensão da graça à prática espiritual do crente.

A prática da unção com óleo tem sido amplamente difundida nas igrejas contemporâneas como um suposto instrumento de poder espiritual, cura ou consagração. No entanto, à luz do evangelho da graça, é necessário revisitar essa prática à partir da revelação consumada. Esta lição se propõe a lançar luz sobre o verdadeiro sentido da unção e revelar que, para a igreja do Novo Pacto, não há mais espaço para símbolos e cerimônias herdadas do judaísmo. A verdadeira unção não está em frascos, mas no Espírito de Deus que habita os crentes.

I - A UNÇÃO COM ÓLEO NO ANTIGO PACTO

a) Origem e função cerimonial: A unção com óleo, no contexto do Antigo Testamento, era uma prática estabelecida por Deus com propósitos específicos dentro da Antiga Aliança. Era comum entre os hebreus o uso do óleo como símbolo de separação e consagração de pessoas e objetos para o serviço divino. Em Êxodo 30:22-33, o Senhor dá instruções minuciosas para a preparação do “óleo da santa unção”, que deveria ser usado para ungir o tabernáculo, os utensílios sagrados, Arão e seus filhos, e posteriormente os reis de Israel. A função era claramente cerimonial e simbólica, apontando para uma consagração externa que representava o chamado e a capacitação de Deus.

Era Deus quem determinava quem deveria ser ungido, e a unção com óleo era o selo visível dessa escolha. Reis como Saul (1 Samuel 10:1) e Davi (1 Samuel 16:13) foram ungidos como confirmação pública da autoridade espiritual e política que Deus lhes conferia. O sacerdote também era ungido para mediar entre Deus e o povo, sendo um tipo do sacerdócio de Cristo, que viria futuramente.

A grande questão é que essa unção, embora ordenada, era uma sombra das coisas que viriam (Colossenses 2:17). Ela apontava para a verdadeira unção que viria por meio do Espírito Santo. Sendo assim, não era o óleo que capacitava, mas o Deus que ungia por meio daquele símbolo. O uso do óleo era pedagógico e ritualístico, nunca absoluto ou eterno. Era parte de um pacto que se encerraria com a chegada da realidade espiritual prometida: Cristo em nós.

No evangelho da graça, o foco não está mais em elementos externos. Tudo o que era físico e simbólico no Antigo Testamento servia apenas como prenúncio daquilo que seria espiritual e eterno no Novo. Portanto, a unção com óleo teve seu papel histórico e profético, mas não encontra espaço legítimo na prática da Nova Aliança.

b) Uma prática ritual e temporária: Quando observamos a unção com óleo no Antigo Testamento, percebemos que sua função estava ligada à cultura sacerdotal e monárquica de Israel. O óleo não era usado de forma aleatória ou livre. Sua aplicação estava restrita a ocasiões específicas e pessoas determinadas por Deus. Nenhum israelita comum poderia simplesmente ungir outro ou usar o óleo para fins pessoais, sob pena de ser cortado do povo (Êxodo 30:32-33). Isso mostra a seriedade e o limite da prática.

O sistema mosaico era baseado em representações. O véu, o sangue de animais, o altar de bronze, os sacrifícios e a própria unção com óleo eram sombras temporárias (Hebreus 9:9-10). Tinham prazo de validade. Assim como o sacerdócio levítico foi substituído por um sacerdócio eterno e espiritual (Hebreus 7:12-28), também a unção cerimonial foi substituída por uma unção superior: a presença do Espírito Santo habitando no crente.

A temporalidade da unção com óleo é evidenciada pelo próprio Cristo. Embora Ele tenha sido ungido fisicamente com óleo por uma mulher (Marcos 14:3-9), a verdadeira unção que O consagrou para sua missão foi a do Espírito Santo no batismo (Lucas 4:18; Atos 10:38). E é essa unção que Ele prometeu a todos os que cressem Nele. A partir do Pentecostes (Atos 2), a presença do Espírito substituiu completamente a necessidade de símbolos. O crente não precisa mais de óleo na testa, mas de fé no coração.

Persistir no uso do óleo como ferramenta de poder espiritual hoje é desconhecer a obra consumada da cruz. É como tentar voltar ao tempo dos sacrifícios de animais, negando que Jesus foi o Cordeiro definitivo. Não se trata de um simples costume inofensivo, mas de uma incongruência teológica grave. A unção com óleo é ritual temporário que perdeu sua validade com a revelação plena da graça.

c) Transição para a realidade espiritual: A Nova Aliança traz uma transição de símbolos para realidades espirituais. O Espírito Santo não é representado por óleo. Ele agora habita nos crentes. Paulo declara com clareza que é Deus quem nos confirma em Cristo e nos ungiu (2 Coríntios 1:21-22). Não há menção ao uso de óleo físico para essa unção. A confirmação, o selo e a capacitação vêm diretamente do Espírito, sem intermediações humanas ou objetos visíveis.

A carta de João também reforça essa verdade: “A unção que recebestes dele permanece em vós... e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira...” (1 João 2:27). Essa unção é interna, eficaz e contínua. Não escorre sobre a cabeça, transforma o coração.

Essa realidade espiritual é o que muitos crentes ainda não compreenderam plenamente. Por isso, há um apego às sombras do Antigo Pacto, como se elas ainda tivessem autoridade sobre a prática da igreja. Mas a igreja da graça vive pela fé, não por símbolos. Vive pelo Espírito, não por rituais. Quando se insiste em aplicar óleo sobre enfermos ou objetos, age-se como se o Espírito ainda não tivesse sido dado, como se ainda estivéssemos aguardando o Consolador.

É por isso que o evangelho da graça liberta. Ele revela que o que antes era sombra, agora é realidade. A unção não está mais em utensílios, nem em pessoas específicas, mas em todo aquele que crê. O crente é o templo do Espírito Santo (1 Coríntios 6:19). E o Espírito que habita nele não pode ser representado por frascos, mas sim pelo fruto de uma vida transformada.

A transição da unção cerimonial para a unção espiritual é, portanto, a passagem da Lei para a Graça, das sombras para a luz, da aparência para a essência. O óleo secava. O Espírito permanece. Essa é a unção verdadeira.

II - A CARTA DE TIAGO E O CONTEXTO JUDAICO

a) Destinatário específico e contexto histórico: A epístola de Tiago tem início com uma declaração explícita sobre seu público-alvo: "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que andam dispersas, saúde." (Tiago 1:1). Essa afirmação deixa claro que o conteúdo da carta foi direcionado às tribos de Israel que estavam fora da Palestina, os judeus da diáspora. Tiago, líder da igreja em Jerusalém e uma das colunas do cristianismo judaico (Gálatas 2:9), escreve com a intenção de orientar judeus crentes ainda profundamente ligados à Lei de Moisés.

O pano de fundo histórico da carta é um momento de transição: o evangelho já havia sido anunciado aos gentios, mas muitos judeus ainda viviam presos à estrutura religiosa do judaísmo. Ainda frequentavam sinagogas (Tiago 2:2 usa a palavra "sinagoga" no grego), praticavam o legalismo e carregavam tradições como a unção com óleo, o pagamento do dízimo como imposição, e o julgamento conforme a Lei. Não havia ali o rompimento claro com o Antigo Pacto como ocorre nas cartas de Paulo.

Portanto, ao interpretar a recomendação de Tiago sobre a unção com óleo (Tiago 5:14), é fundamental reconhecer a identidade dos destinatários. Trata-se de judeus que conheciam e praticavam a unção desde a infância como parte de sua cultura religiosa. Eles estavam ainda em processo de compreender o evangelho da graça, mas muitos não haviam abandonado totalmente os símbolos do Antigo Testamento. A carta, então, reflete esse ambiente de transição não é uma instrução normativa para a igreja gentílica

O evangelho da graça não age por parcialidade: ele respeita a progressão histórica da revelação, mas também esclarece que as cartas apostólicas devem ser lidas dentro de seu contexto. A carta de Tiago, embora útil para compreensão histórica e moral, não pode ser aplicada indistintamente à igreja da Nova Aliança, sob pena de reintroduzir práticas que já perderam sua validade espiritual.

b) A carta que não é sua: Uma analogia muito usada entre os defensores do evangelho da graça é a seguinte: “Se você escreve uma carta para sua esposa e ela cai nas mãos de outra pessoa, essa outra pessoa pode até ler, mas não pode tomar para si o conteúdo como se fosse destinatária.” Essa figura é perfeita para explicar a relação da igreja gentílica com a carta de Tiago.

Tiago escreveu para um povo específico, num tempo específico e com costumes específicos. Os destinatários eram judeus da dispersão, que ainda viviam sob influência direta da tradição mosaica. Embora esses crentes tivessem conhecido a Cristo, sua vivência espiritual estava ainda misturada com a Lei, e Tiago os exorta de acordo com esse nível de entendimento. Portanto, quando ele menciona a unção com óleo, ele não está estabelecendo um padrão universal para a igreja, mas tratando com um povo que conhecia esse costume como algo normativo.

É exatamente nesse ponto que muitos erram. Ao tomar a carta de Tiago e aplicá-la fora do seu contexto original, igrejas modernas reinstituem práticas que não foram dadas à igreja gentílica. Tiago não era apóstolo dos gentios, mas dos judeus. O próprio apóstolo Paulo, em Gálatas 2:7-9, explica que houve um acordo entre ele e os demais apóstolos: Pedro, Tiago e João pregariam aos judeus, enquanto Paulo pregaria aos gentios. Essa divisão ministerial deixa claro que nem toda instrução de Tiago serve como doutrina para a igreja da graça.

A carta é inspirada? Sim. Deve ser estudada? Com certeza. Mas sua aplicação deve respeitar o destinatário original. Quando a igreja moderna pega a instrução de Tiago sobre a unção com óleo e a torna norma litúrgica, está, na prática, usando uma carta que não foi endereçada a ela. E isso é um erro de interpretação e aplicação. O evangelho da graça nos convida a viver a plenitude da revelação em Cristo, e não a voltar às sombras da Lei.

c) O óleo como cosmético, não como ritual: Outro ponto importante para a correta interpretação de Tiago 5:14 é o uso cultural do óleo entre os judeus da época. Muito além de sua aplicação cerimonial, o óleo era amplamente utilizado como produto medicinal e cosmético no cotidiano. Ungir alguém doente com óleo era um gesto de cuidado físico e hospitalidade, não necessariamente um ato ritual. O próprio Jesus menciona o uso do óleo no cuidado com o próximo, como na parábola do bom samaritano, que tratou as feridas do homem espancado com azeite e vinho (Lucas 10:34).

No contexto de Tiago, é plausível entender que o autor recomenda o uso de óleo não como instrumento de cura espiritual, mas como prática cultural de alívio e preparação para a visita do presbítero. Pessoas doentes, muitas vezes, tinham aparência desfigurada e debilitada, e o óleo ajudava a restaurar minimamente a dignidade física antes de serem vistas por outras pessoas. Isso não era uma “unção espiritual”, mas um gesto de cuidado.

Além disso, deve-se lembrar que os presbíteros aos quais Tiago se refere estavam ainda ligados à estrutura judaica. As funções de presbítero, pastor e bispo se confundiam e eram ocupadas por judeus convertidos que, em sua maioria, ainda não haviam se libertado totalmente da herança cerimonial. O próprio conceito de presbítero remete a um “ancião respeitado” na comunidade, e não a uma figura espiritualizada como hoje se pensa.

Portanto, quando igrejas modernas imitam essa prática de unção com óleo, ignoram que o contexto era outro, a cultura era outra, e a aplicação era física, não espiritual. Usar óleo hoje como elemento místico ou “sacramento de cura” é distorcer completamente a intenção original da passagem. Na Nova Aliança, a cura, a unção e o cuidado não estão nos elementos externos, mas na fé no poder da Palavra e na habitação do Espírito. Somos ungidos de verdade, não por azeite na pele, mas por Cristo em nós.

III - A UNÇÃO VERDADEIRA NO NOVO PACTO

a) A unção do Espírito: permanente e verdadeira Na Nova Aliança, inaugurada com a morte e ressurreição de Cristo, a unção verdadeira deixa de ser uma prática externa, cerimonial ou simbólica. Ela passa a ser espiritual, interna e permanente. O apóstolo João afirma categoricamente: “Quanto a vós, a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira e não é mentira, e, como vos ensinou, assim nele permaneceis.” (1 João 2:27).

Esse texto é um divisor de águas para a compreensão da vida cristã na graça. João não está falando de algo físico, como um óleo derramado sobre a cabeça, mas de uma realidade espiritual profunda: a presença do Espírito Santo como mestre e guia. Essa unção não é intermitente, não precisa ser “reposta” ou “reforçada” por objetos, nem se perde com o tempo. Ela permanece.

A linguagem “unção” foi mantida na Nova Aliança, mas seu conteúdo foi transformado. Antes era um símbolo; agora é realidade. Antes, indicava separação para uma função; agora, é o sinal de que o próprio Deus habita no crente. Essa unção é a confirmação de que estamos em Cristo. Por isso, Paulo escreve: “Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus.” (2 Coríntios 1:21).

Muitos crentes ainda vivem como se estivessem no Antigo Testamento, buscando um “óleo ungido”, esperando ser tocados por alguém, ou desejando um momento místico para “sentirem algo diferente”. Isso demonstra uma profunda ignorância sobre a obra consumada de Cristo. A unção já foi dada. O Espírito já habita. A promessa já se cumpriu. Não é mais necessário buscar fora aquilo que já foi depositado dentro.

A graça não nos convida a repetir símbolos, mas a viver pela fé na Palavra. A verdadeira unção nos capacita para viver como filhos de Deus, com entendimento, sabedoria e liberdade. É uma unção que transforma a mente, renova o coração e guia os passos. É o selo do Espírito da promessa (Efésios 1:13). Essa é a unção da Nova Aliança.

b) O selo do Espírito substitui os rituais: A teologia da graça nos ensina que tudo o que era figura e sombra foi substituído pela realidade espiritual em Cristo. Os sacrifícios foram substituídos pelo sacrifício perfeito. O sacerdócio humano foi substituído pelo sacerdócio eterno de Cristo. E a unção cerimonial foi substituída pelo selo do Espírito Santo. Isso é mais do que uma mudança de prática é uma mudança de natureza.

Eféios 1:13 declara: “Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.” Esse selo é o novo sinal de separação. Não é mais um óleo aplicado externamente, mas a habitação interna do Espírito, que nos identifica como propriedade exclusiva de Deus.

O selo do Espírito é definitivo e irreversível. Ele não depende de sensações, rituais ou da imposição de mãos. Ele acontece no exato momento em que se crê no evangelho da salvação. Ao contrário da unção com óleo, que precisava ser repetida, esse selo é único. Paulo afirma: “Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção.” (Eféios 4:30). Ou seja, a unção é uma marca eterna.

Infelizmente, muitas igrejas continuam praticando rituais judaicos, como se o Espírito ainda não tivesse vindo. Vendem “óleo consagrado”, realizam “campanhas de unção” e prometem “derramar poder” sobre os fiéis. Essa distorção coloca o foco em objetos e ações humanas, ao invés da fé no que Cristo já fez. A graça não é simbólica é real. E viver pela graça é descansar na suficiência da obra consumada.

A substituição do ritual pelo selo é uma das mais belas revelações do Novo Pacto. É a libertação do visível para o invisível, do externo para o interno, da letra para o espírito. Quem foi selado pelo Espírito não precisa de um frasco para se sentir separado. A própria presença do Espírito testifica com o seu espírito que é filho de Deus (Romanos 8:16). E isso basta.

c) A crítica à prática moderna da unção com óleo: À luz da revelação da graça, a prática moderna da unção com óleo é vista como um retrocesso espiritual. Muitos estudiosos e pregadores da Nova Aliança a denunciam como um resgate das sombras do Antigo Pacto, uma mistura indevida entre Lei e graça, entre símbolo e realidade. Essa prática, ao invés de edificar, confunde e escraviza.

O principal problema não é o uso do óleo em si, mas a crença de que ele carrega poder espiritual. Pastores e líderes muitas vezes propagam a ideia de que o “óleo consagrado” cura, liberta, protege ou unge com autoridade. Isso transforma um elemento natural em objeto místico. É o que Paulo chama de “rudimentos do mundo” (Colossenses 2:20-23), que nada aproveitam contra a carne.

Infelizmente, muitas igrejas continuam praticando rituais judaicos, como se o Espírito ainda não tivesse vindo. Vendem “óleo consagrado”, realizam “campanhas de unção” e prometem “derramar poder” sobre os fiéis. Essa distorção coloca o foco em objetos e ações humanas, ao invés da fé no que Cristo já fez. A graça não é simbólica é real. E viver pela graça é descansar na suficiência da obra consumada.

Alguns chegam a vender frascos de azeite, prometendo milagres. Essa comercialização da fé fere diretamente os princípios do evangelho da graça. É paganismo disfarçado de cristianismo. O apóstolo Pedro já advertia contra falsos mestres que fariam “comércio” dos fiéis (2 Pedro 2:3). Quando a unção vira produto, o evangelho vira negócio.

Além disso, a prática sugere que o crente precisa de algo externo para ser abençoado, curado ou separado. Isso nega a suficiência da unção do Espírito. Em vez de ensinar os crentes a confiar no que já receberam, reforça-se a dependência de líderes, rituais e objetos. A fé é substituída por um sistema de troca: "eu uso o óleo e Deus me abençoa".

A graça, no entanto, nos ensina que tudo já nos foi dado gratuitamente em Cristo (Efésios 1:3). A unção não é algo que se adquire ou se renova com azeite, mas uma dádiva permanente do Espírito. O crente maduro não precisa ser “ungido com óleo” para orar por alguém ou exercer seu ministério. Ele já foi ungido pelo próprio Deus.

Concluimos, então, que a prática moderna da unção com óleo não é apenas desnecessária é prejudicial à fé. Ela obscurece a verdade da nova criação e enfraquece a identidade do crente na graça. A igreja do Novo Pacto não precisa de frascos precisa de entendimento.

CONCLUSÃO

Recapitulação: A unção com óleo era uma prática legítima e simbólica no Antigo Pacto, mas foi cumprida e superada pela unção do Espírito no Novo Pacto. A carta de Tiago não é normativa para a igreja gentílica, e sua aplicação deve ser entendida com discernimento contextual.

Aplicação prática: Rejeitar práticas cerimoniais herdadas do judaísmo é parte do amadurecimento na graça. A verdadeira espiritualidade não se mede por símbolos, mas pela consciência de que o Espírito habita e capacita cada crente.

Comentário Teológico Adicional:

O retorno a práticas cerimoniais revela uma falha na compreensão da obra consumada de Cristo. Não precisamos mais de sombras quando já temos a luz plena. A unção que recebemos não se dissolve, não se compra, nem se renova por frascos é eterna.

Orientação Didática

Observe cultos, vídeos ou liturgias que ainda mantêm a unção com óleo. Anote quais práticas são heranças do Antigo Pacto e reflita sobre como o evangelho da graça oferece um caminho mais excelente.



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse



Questionário

Qual era o propósito da unção com óleo no Antigo Testamento?

R: _____

Para quem foi escrita a carta de Tiago?

R: _____

O que significa a verdadeira unção no Novo Pacto?

R: _____

Por que o uso atual do óleo é criticado pelas fontes da graça?

R: _____

O que substituiu os ritos cerimoniais na Nova Aliança?

R: _____

O que significa dizer que a unção com óleo era uma sombra das coisas futuras?

R: _____

Qual foi o contexto cultural do uso do óleo mencionado por Tiago?

R: _____

Segundo Paulo, quem é o responsável por ungir e selar os crentes?

R: _____

Por que a prática atual da unção com óleo pode ser considerada um retrocesso espiritual?

R: _____

Qual é o papel da fé na vivência da unção verdadeira segundo o evangelho da graça?

R: _____



Acesse o canal
Comentando o Apocalipse





O FUNDAMENTO DO EVANGELHO

TEXTO ÁUREO

“Deus, na sua graça, me deu o privilégio de trabalhar como um construtor competente. Eu coloquei o alicerce, e outros estão construindo sobre ele. Porém, cada um deve construir com cuidado.”
1 Coríntios 3:10 NTLH

VERDADE PRÁTICA

O fundamento do Evangelho é Cristo ressuscitado e Sua obra consumada. Sem essa base, não há evangelho genuíno, apenas um sistema religioso de medo e condenação.

LEITURA DIÁRIA

Segunda: 1 Coríntios 3:10-11

Terça: Atos 26:16-18

Quarta: Gálatas 2:7-9

Quinta: 1 Coríntios 2:2

Sexta: Hebreus 6:1-3

Sábado: 2 Coríntios 5:16-17

Domingo: Efésios 2:8-9

Objetivos da Lição

- Demonstrar que o apóstolo Paulo foi o encarregado por Cristo de lançar o fundamento da graça entre os gentios.
- Explicar que o verdadeiro evangelho está centrado no Cristo ressuscitado e não no Jesus histórico segundo a carne.
- Ensinar que sem a base da graça não há evangelho autêntico, mas apenas um retorno à maldição da Lei.

O evangelho, como proclamado pelo apóstolo Paulo, não é um sistema religioso baseado em ritos ou leis, mas a boa notícia de que Deus, em Cristo, consumou a salvação e estabeleceu um novo pacto. Esse evangelho tem como fundamento a graça, e não as obras humanas. É um alicerce que não foi posto por Pedro nem por Tiago, mas revelado ao próprio Paulo pelo Cristo glorificado, após Sua ressurreição (Atos 26:16-18).

No Preterismo Completo, compreendemos que esse fundamento foi colocado definitivamente no primeiro século e confirmado historicamente pela destruição do sistema da Antiga Aliança em 70 d.C. Assim, viver no evangelho é viver em liberdade, sem a escravidão da Lei Mosaica.

I - O FUNDAMENTO LANÇADO POR PAULO

Paulo afirma que recebeu da graça de Deus a tarefa de lançar o alicerce do evangelho. Esse fundamento não é outro senão Cristo e Sua obra consumada.

O apóstolo Paulo declara:

“Deus, na sua graça, me deu o privilégio de trabalhar como um construtor competente. Eu coloquei o alicerce, e outros estão construindo sobre ele. Porém, cada um deve construir com cuidado.” 1 Coríntios 3:10 (NTLH)

a) Paulo, apóstolo dos gentios: Gálatas 2:7-9 mostra claramente que a Pedro foi confiado o evangelho da circuncisão, mas a Paulo, o evangelho para os gentios. Esse chamado foi confirmado em Atos 26:16-18, quando o Cristo ressuscitado o envia como ministro e testemunha. Este chamado marca o início da proclamação da Nova Aliança para além de Israel, evidenciando que a salvação já não era restrita ao povo judeu.

próprio Cristo ressuscitado comissionou Paulo de forma singular. “Mas levante-se e fique de pé porque eu apareci a você para escolhê-lo como meu servo. Eu o escolhi para ser testemunha de tudo o que você viu de mim e do que vou mostrar a você. Vou livrá-lo do seu próprio povo e também dos não-judeus a quem eu estou enviando.

Você vai abrir os olhos deles para que saiam da escuridão para a luz e deixem o poder de Satanás e se voltem para Deus. Assim, os pecados deles serão perdoados, e eles receberão a sua parte com o povo escolhido de Deus.” Atos 26:16-18 (NTLH)

Esse chamado define Paulo como o mensageiro da graça para os gentios (ἔθνη – ethnē).

Nota teológica: Em Gálatas 2:7-9, Paulo distingue claramente seu evangelho como o evangelho da incircuncisão, diferenciado do evangelho da circuncisão pregado por Pedro e os demais apóstolos. Isso indica que sua missão não foi continuar a pregação aos judeus, mas levar aos gentios a revelação plena da Nova Aliança, sem vínculo com a Lei Mosaica.

b) O fundamento não foi lançado por Pedro: Enquanto Pedro pregava o arrependimento e a vinda do Reino a Israel (Atos 3:19-21), Paulo pregava o Cristo crucificado e ressuscitado como a consumação da salvação (1 Coríntios 2:2).

(Comentário: a mensagem paulina já anunciava a transição total da Lei para a Graça, que se cumpriria plenamente em 70 d.C.)

Pedro foi chamado para ministrar prioritariamente a Israel. Em Atos 3:19-21, sua mensagem está enraizada na expectativa messiânica judaica e na restauração do Reino a Israel.

Paulo, por outro lado, pregava o Cristo crucificado e ressuscitado como ponto de virada na história da redenção, declarando:

“Pois resolvi que, entre vocês, eu não ia saber de nada, a não ser de Jesus Cristo, isto é, Jesus Cristo na cruz.” 1 Coríntios 2:2 (NTLH)

Comentário: Essa é a transição decisiva. O evangelho paulino já não se centrava na esperança de restauração política de Israel, mas na proclamação universal da graça para judeus e gentios, com base na obra consumada de Cristo.

c) A exclusividade de Cristo como fundamento: Paulo declara em 1 Coríntios 3:11: *“Pois ninguém pode colocar outro alicerce além daquele que já está posto, que é Jesus Cristo.”*

O fundamento não precisa ser colocado novamente; ele foi estabelecido no primeiro século e permanece eterno.

Paulo reafirma em :

"Pois ninguém pode colocar outro alicerce além daquele que já está posto, que é Jesus Cristo." 1 Coríntios 3:11 (NTLH)

O termo grego θεμέλιος (themelios) descreve a base de uma construção que sustenta todo o edifício. Qualquer tentativa de colocar outro fundamento seja a Lei, tradições humanas ou méritos pessoais é rejeitar a suficiência de Cristo.

Comentário: Esse fundamento foi estabelecido no primeiro século e não precisa ser reconstruído. Em 70 d.C., a destruição do templo marcou o fim definitivo da Antiga Aliança e confirmou que a Graça é o único fundamento válido para a fé cristã.

II - CRISTO RESSUSCITADO COMO CENTRO DA MENSAGEM

Paulo não pregava o Jesus histórico segundo a carne, mas o Cristo glorificado. O evangelho proclamado por Paulo não era centrado no Jesus histórico segundo a carne o judeu nascido sob a Lei (Gálatas 4:4) mas no Cristo ressuscitado e glorificado, que já havia consumado toda a obra da redenção. Esse é o cerne do Evangelho da Graça e a base inabalável da Nova Aliança.

α) Não mais segundo a carne: 2 Coríntios 5:16. *"E, se antes pensávamos de Cristo desse modo, agora já não pensamos mais assim." Paulo não anuncia o Jesus de Nazaré como reformador judaico, mas o Senhor glorificado que reina. Paulo deixa isso claro.*

Paulo deixa isso claro em "Por isso, de agora em diante, não pensamos mais de modo humano a respeito de ninguém. E, se antes pensávamos de Cristo desse modo, agora já não pensamos mais assim." 2 Coríntios 5:16 (NTLH)

O termo κατὰ σάρκα (kata sarka) significa "segundo a carne" ou "de maneira meramente humana". Antes de sua conversão, Paulo ouvia falar de Jesus apenas como o mestre judeu, líder do movimento messiânico.

Após o encontro com o Cristo ressuscitado, ele compreende que a verdadeira mensagem não está no ministério terreno de Jesus sob a Lei, mas na Sua obra finalizada e no Seu estado glorificado.

Comentário: Essa mudança de perspectiva rompe a ligação direta com o judaísmo da Antiga Aliança e inaugura a proclamação da Nova Aliança plenamente estabelecida.

b) A mensagem da cruz e da ressurreição: Paulo resume sua pregação em um ponto de virada da história da redenção.

“Pois resolvi que, entre vocês, eu não ia saber de nada, a não ser de Jesus Cristo, isto é, Jesus Cristo na cruz.” 1 Coríntios 2:2 (NTLH)

Aqui vemos a ênfase no evento da cruz como o ponto de consumação. Não se trata apenas da morte física de Jesus, mas do cumprimento de todo o plano de redenção anunciado na Lei e nos Profetas (Lucas 24:44-46).

- **Cruz** → Fim da Antiga Aliança (Colossenses 2:14).
- **Ressurreição** → Confirmação de que a obra foi aceita por Deus (Romanos 4:25).
- **Exaltação** → Cristo reina agora como Senhor de todas as nações (Filipenses 2:9-11).

Comentário: A cruz e a ressurreição são o marco definitivo de transição para a Nova Aliança, plenamente ratificada e historicamente confirmada com o fim do sistema levítico em 70 d.C.

c) Avançando para o ensino pleno: A exortação é clara: deixar os rudimentos ligados à Antiga Aliança e avançar para a maturidade no evangelho da graça. A maturidade plena chegou quando o sistema da Lei deixou de existir em 70 d.C.

O autor de Hebreus exorta:

“Por isso, deixemos de lado os primeiros ensinamentos a respeito de Cristo e vamos em frente para o ensino completo. Não vamos falar outra vez sobre abandonar as obras mortas e voltar para Deus; nem sobre a doutrina a respeito de batismos, da cerimônia de pôr as mãos sobre os outros, da ressurreição dos mortos e do julgamento eterno. Vamos avançar, se Deus permitir.” Hebreus 6:1-3 (NTLH)

Os “primeiros ensinamentos” mencionados aqui dizem respeito às práticas e doutrinas ligadas ao judaísmo messiânico inicial. O chamado é para avançar para o ensino pleno da Nova Aliança, centrado na graça e na obra consumada de Cristo.

Comentário: Esse “avançar” alcançou seu ápice histórico quando todo o sistema da Antiga Aliança foi removido em 70 d.C., deixando somente a realidade da Nova Aliança como vigente.

III - SEM ESSES FUNDAMENTOS NÃO HÁ EVANGELHO

Um evangelho sem o fundamento da graça se torna mera religião. O evangelho não é um conjunto de regras, ritos ou tradições. É a boa notícia de que Cristo consumou a obra da salvação e estabeleceu um novo pacto baseado unicamente na graça.

Sem o fundamento de Cristo ressuscitado e da graça como base, o que se prega é apenas religião, que mantém as pessoas presas ao medo e à condenação exatamente como a Lei Mosaica fazia.

a) O perigo de voltar à Lei: Voltar à Lei é rejeitar a obra consumada e reconstruir o que já foi destruído, é costurar o véu que já foi rasgado.

Paulo adverte:

“Vocês que querem ser aceitos por Deus pela lei estão separados de Cristo e não têm nada a ver com a graça de Deus.” Gálatas 5:4 (NTLH)

Voltar à Lei como base de aceitação diante de Deus é anular a obra consumada de Cristo. É tentar reconstruir um sistema que já foi destruído na cruz (Colossenses 2:14).

Comentário: A destruição do templo em 70 d.C. não foi apenas um evento histórico; foi a confirmação visível de que o sistema levítico havia acabado para sempre. Voltar à Lei hoje é como tentar reviver um pacto que Deus mesmo aboliu.

b) Graça não é licença para pecar: A graça não é apenas o perdão dos pecados; é o poder divino que nos liberta do domínio do pecado e nos capacita a viver de forma justa e piedosa. Paulo deixa claro que estar debaixo da graça não significa viver sem limites morais significa viver segundo o Espírito, com o coração transformado.

“Meus irmãos, vocês foram chamados para serem livres. Mas não deixem que essa liberdade se torne uma desculpa para permitir que a natureza humana domine vocês. Pelo contrário, que o amor faça com que vocês sirvam uns aos outros.” Gálatas 5:13 (NTLH)

Alguns distorcem a graça como se ela fosse uma permissão para viver no pecado. Paulo responde de forma contundente:

“O que vamos dizer então? Será que devemos continuar vivendo no pecado para que a graça de Deus aumente ainda mais? É claro que não! Nós já morremos para o pecado então, como podemos continuar vivendo nele?” Romanos 6:1-2 (NTLH)

A graça liberta do poder do pecado, mas não incentiva a imoralidade. Ela muda o coração e coloca o crente em um relacionamento vivo com Deus, guiado pelo Espírito e não por códigos externos.

Comentário: A vida no Espírito é a característica essencial da Nova Aliança. Diferente da Lei, que apenas regulava comportamentos externos, a graça transforma de dentro para fora.

c) O evangelho é liberdade, não medo: O sistema da Lei produzia medo e condenação. A graça produz liberdade e confiança (Hebreus 4:16). Após a consumação, essa liberdade é plena e eterna.

Sob a Lei, o povo vivia em constante temor, pois qualquer falha podia trazer condenação imediata. Mas o evangelho traz ousadia e acesso livre a Deus:

“Portanto, tenhamos coragem e cheguemos perto do trono divino, onde está a graça. Ali receberemos misericórdia e encontraremos graça sempre que precisarmos de ajuda.” Hebreus 4:16 NTLH

A vida na graça é marcada pela liberdade e segurança. Não é um “talvez” de aceitação; é a certeza de que Cristo já nos reconciliou com Deus de forma definitiva.

Não é instável ou incerta. Não vivemos com medo de “perder” a salvação ou de sermos rejeitados por Deus.

Pelo contrário: Cristo já nos reconciliou com o Pai de forma plena e eterna.

Comentário: Depois da consumação da Nova Aliança, essa liberdade é plena. Não há mais sacrifícios, sacerdotes ou rituais que possam adicionar algo à obra perfeita de Cristo.

CONCLUSÃO

O apóstolo Paulo, chamado e comissionado diretamente pelo Cristo ressuscitado, lançou o fundamento do evangelho da graça. Esse fundamento não foi estabelecido por Pedro, Tiago ou João no contexto do evangelho da circuncisão, mas foi uma revelação singular do Cristo glorificado para os gentios, conforme lemos em Atos 26:16-18

Esse fundamento é Cristo e Sua obra consumada — não rituais, não obras da Lei, não tradições humanas. Sem essa base, o que resta não é evangelho, mas religião, que aprisiona no medo e na culpa, assim como fazia a Lei Mosaica.

Ponto central: No Evangelho Consumado, compreendemos que o fundamento foi colocado no primeiro século e confirmado pela consumação histórica da Nova Aliança em 70 d.C. Desde então, não há espaço para reconstruir o sistema da Antiga Aliança ou para misturar graça com Lei.

Portanto, sem esses fundamentos não há evangelho. Há apenas tentativas humanas de controlar, manipular e manter pessoas cativas da insegurança espiritual. Isso é maldição, não é evangelho. Evangelho é liberdade em Cristo liberdade para viver na graça, no descanso da obra perfeita e eterna realizada por Jesus.

Comentário Teológico Adicional:

No Evangelho da Graça, a reconciliação entre Deus e o homem não é um processo em aberto, mas um ato consumado na cruz e confirmado pela ressurreição. A aceitação diante de Deus não é condicional ou incerta; é fruto da justiça perfeita de Cristo imputada ao crente. Essa realidade produz liberdade, pois o medo da condenação é removido, e tem segurança, pois a obra é definitiva. Viver na graça é viver na certeza de que “nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1, NTLH).

Orientação Didática

Durante a semana, faça uma lista de práticas religiosas que ainda são usadas hoje, mas que pertenciam ao contexto da Antiga Aliança. Em seguida, substitua cada uma delas por um princípio da Nova Aliança baseado na graça, encontrando respaldo bíblico para essa substituição.

Questionário

Quem foi o responsável por lançar o fundamento da graça?

R: _____

Qual a diferença entre pregar o Jesus histórico e o Cristo ressuscitado?

R: _____

O que significa “não conhecer Cristo segundo a carne”?

R: _____

Qual o perigo de voltar à Lei segundo Gálatas 5:4?

R: _____

O que a graça produz na vida do crente que a recebe plenamente?

R: _____

O que significa dizer que a unção com óleo era uma sombra das coisas futuras?

R: _____

O que significa viver na liberdade que Cristo oferece sem cair na libertinagem?

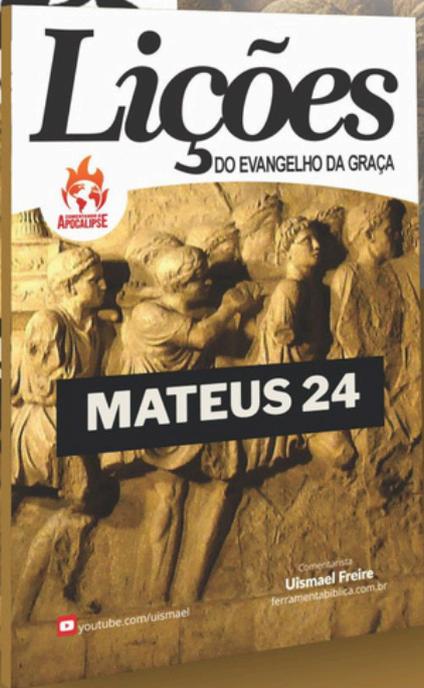
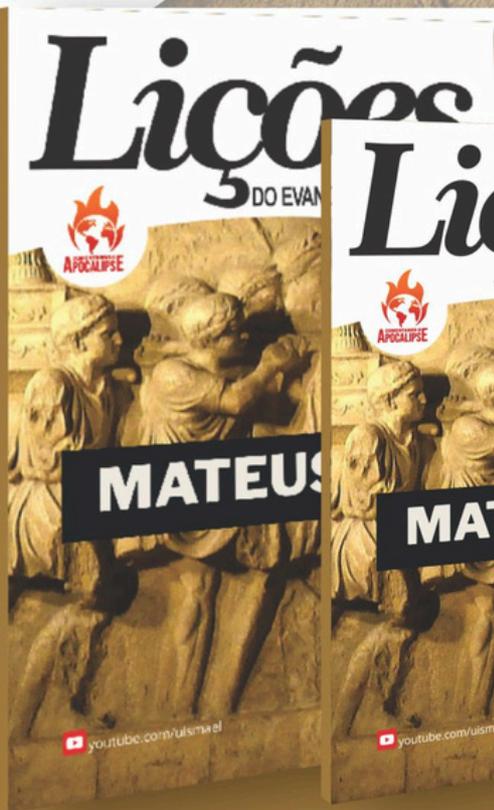
R: _____

Por que voltar à Lei é considerado rejeitar o fundamento do evangelho?

R: _____



**Conheça sua
próxima revista de
Estudo Bíblico**



Acesse o canal canal no youtube

 youtube.com/uismael

Baixe gratuitamente no nosso site: ferramentabiblica.com.br

PATROCINE ESTA OBRA!

Colabore com este projeto que busca restaurar o verdadeiro ensino sobre a escatologia bíblica um tema tão negligenciado e distorcido ao longo dos séculos. Nosso compromisso é com a verdade revelada nas Escrituras, sem vínculos institucionais e livre de tradições humanas. Acima de tudo, pedimos que nos apoie com suas orações, para que possamos permanecer firmes, com ânimo renovado, superando os desafios diários desta missão.

Se você deseja patrocinar a Revista Ferramenta Bíblica, saiba que não prometemos recompensas materiais nem bênçãos em troca da sua ajuda. Mas garantimos que, ao colaborar, você estará alcançando vidas com conteúdos gratuitos que edificam, esclarecem e libertam. Acesse ferramentabiblica.com.br e seja parte dessa transformação.

Doe via depósito bancário

Banco: Nubank

Em favor de: Uismael Freire de Souza

Agência: 0001

Conta: 331432-3

Banco:0260

ferramentabiblica.com.br

Contato:

ferramentabiblica@gmail.com

Se preferir doe por pix

Chave: 02655559738

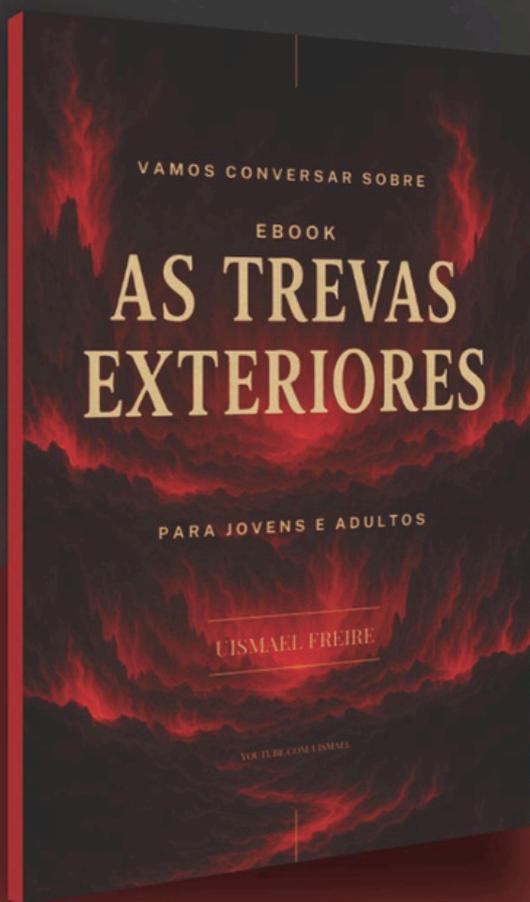


Comentando o Apocalipse



ferramentabiblica.com.br

Conheça e-boock As Trevas Exteriores



Quantos não passaram a vida com medo delas? Nas pregações tradicionais, eram sinônimo de inferno eterno, um lugar escuro e torturante onde “os que não aceitaram Jesus irão ranger os dentes” para sempre.

Baixe gratuitamente no nosso site: ferramentabiblica.com.br



SOBRE O AUTOR

Autor de obras voltadas à escatologia consumada, Uismael Freire utiliza sua experiência pastoral e vivência prática da fé para apresentar reflexões profundas, acessíveis e desafiadoras para todo aquele que busca compreender o cumprimento das promessas bíblicas no tempo determinado por Deus.

Uismael Freire é pesquisador independente e escritor com dedicação integral ao estudo das Escrituras, especialmente no campo da escatologia. Nascido em 1969, atuou como pastor por mais de duas décadas no meio evangélico, onde desenvolveu profundo envolvimento com a teologia tradicional. A partir de 2014, iniciou uma transição significativa em sua jornada espiritual, passando a estudar o preterismo completo corrente teológica que entende que as profecias bíblicas, inclusive as do Apocalipse, já se cumpriram no primeiro século.



Comentando o Apocalipse



OBJETO DE PESQUISA

Derek Kidner, Teólogo

John H. Walton, professor de Antigo Testamento

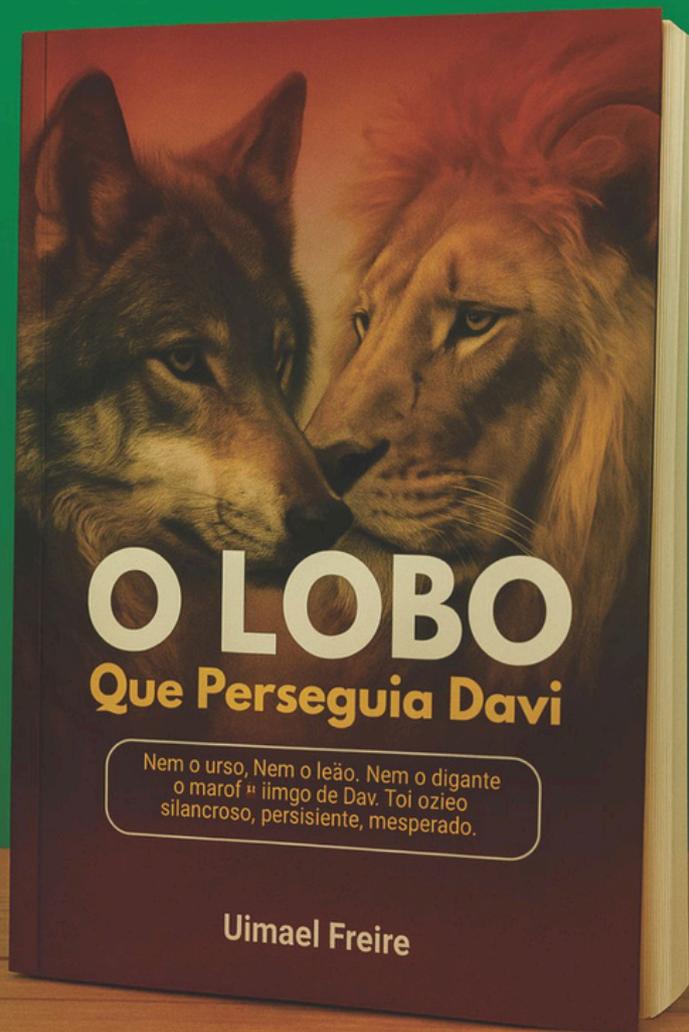
Charles Spurgeon, Teólogo e pregador

Max R. King, Teólogo do preterismo pleno

Don K. Preston, Teólogo do preterismo pleno

ferramentabiblica.com.br

BAIXE GRATUITAMENTE
ACESSE O NOSSO SITE
ferramentabiblica.com.br



youtube.com/@uismael



ferramentabiblica.com.br